Gildásio Mendes dos Santos

COMO SE VISSE
O INVISÍVEL

PREFÁCIO

Por ocasião do bicentenário do sonho dos nove anos de Dom Bosco, o P. Gildásio Mendes dos Santos, Conselheiro Geral para a Comunicação Social, quis oferecer-nos estas páginas com o título de "*Como se visse o invisível*". A frase retoma como fonte de inspiração a carta aos Hebreus 11,27, com que o autor bíblico sintetizou todos os insignes feitos de Moisés. Inspirando-se nela, o autor traça uma luminosa interpretação do conceito evangélico da fé, com animadoras reflexões para a vida salesiana. É um texto decisivo para compreender a evolução do pensamento de Dom Bosco, apresentado a nós como modelo no artigo 21 das Constituições Salesianas.

Situando-se desde essa perspectiva, o P. Gildásio, de forma persuasiva, percorre ao reverso a história do sonho dos nove anos de Dom Bosco, comparando-o a Moisés, como um peregrino a caminho da "terra prometida". O sonho de Dom Bosco, o famoso "sonho dos três estágios", será desdobrado em temáticas nas quais o sempre possível exercício da mente humana explicita o icônico percurso da visão mística: num primeiro momento os lobos se tornam cordeiros; depois, alguns cordeiros se tornam pastores; finalmente, crescendo o número dos pastores, estes se tornam missionários, sempre a serviço dos jovens em outras partes do mundo. Trata-se de uma ação a serviço imediato dos últimos, dos jovens abandonados; de um amor por quem sofre; do verdadeiro sentido da vida, que consiste num único mandamento, o do amor.

Nesse *excursus,* o autor relê a história de Dom Bosco como a história de um jovem sacerdote que, no início de tudo, dá os primeiros passos na casa da família Moglia; depois em Chieri, na casa de Lúcia Matta e de José Pianta, onde sobrevive em meio a indizíveis dificuldades, encurralado num acanhado vão da casa; em seguida, como jovem padre, é obrigado a buscar um lugar para seus jovens, passando da igreja de São Francisco de Assis à Obra da Marquesa Barolo; de São Pedro *in Vincolis*, junto aos Moinhos da Cidade, à Casa Moretta; do prado dos irmãos Filippi, até o encontro providencial com Pancrácio Soave, que lhe oferece um lugar para seu

"laboratório". À resposta de Dom Bosco: «Não um laboratório, mas um Oratório», Soave replica: «Oratório ou laboratório, seja lá o que for; o fato é que um lugar existe e é propriedade do senhor José Pinardi»; feito o contrato, finalmente Dom Bosco encerra sua interminável peregrinação pelo "deserto" ao chegar a Valdocco, "a terra prometida".

As várias experiências que levaram Dom Bosco a vagar de cá para lá, a compartilhar as mesmas situações em que viviam muitos jovens, levaram-no mais tarde a se abrir sempre mais ao espírito de acolhida e ao sentido de oferecer *hospitalidade*. Este é o conceito e a palavra-chave com que o P. Gildásio faz uma interpretação bíblica e cristã da hospitalidade, pela qual a pessoa humana é vista como hóspede, dado que tudo pertence a Deus e, por consequência, vive em comunhão fraterna e solidariedade com e para o outro. Eis, pois, como ele aborda ao longo do livro a figura de Dom Bosco e sua experiência espiritual e educativa.

De fato, o P. Gildásio define a obra de Dom Bosco como "hospitalidade salesiana", "essência da caridade educativa de Dom Bosco", e qualifica sua ação como "hospitalidade evangélica e educativa".

Cito literalmente o texto que considero o mais significativo para a releitura que o autor faz de Dom Bosco e do Oratório de Valdocco:

> «A hospitalidade de Dom Bosco se traduz em doar-se aos outros, em acolher o jovem órfão e cuidar dele a fim de que possa desenvolver-se como pessoa humana, amada por Deus, com a missão de responder ao projeto de Deus em sua vida».

O autor continua assim sua reflexão:

> «Para Dom Bosco, a hospitalidade consiste na responsabilidade e no empenho para encontrar para os jovens os meios e os recursos necessários a fim de construir um lugar para acolhê-los, dar-lhes de comer, oferecer-lhes um local para dormir, um espaço para jogar e se divertir, livros para estudar, um mestre para ensinar-lhes um ofício».

Em seguida, o P. Gildásio sublinha:

> «Para ele, a hospitalidade acontece ao criar um clima de alegria, no qual os educadores são amigos dos jovens, o relacionamento se realiza com confiança e familiaridade, os jovens aprendem a tocar instrumentos musicais, a cantar, a fazer teatro, a viver a liturgia em sua beleza e grandeza espiritual».

Não há nenhum tipo de arrazoado com que se possa ocultar ao cristão essa evidente e indubitável verdade, ou seja, a originalidade da abordagem que se encontra nesta releitura de Dom Bosco a partir dos dois sonhos: o dos 9 anos (1824) e o do jovem sacerdote (1844), como verdadeira e autêntica peregrinação, semelhante à de Moisés em busca da "terra prometida", caminhando no escuro, sustentado pela fé e, portanto, "como se visse o invisível".

Por que falo de originalidade dessa abordagem? Na antropologia bíblica o fundamento do bem do ser humano consiste na "Teologia da Hospitalidade", pela qual o ser humano se sente devedor e, sendo hóspede neste mundo, reconhece que tudo pertence só e totalmente a Deus. Ele nos acolhe e faz de nós seus hóspedes, com a responsabilidade de sermos colaboradores em tornar a vida de todos mais humana; de modo particular os estrangeiros, os migrantes, os sem teto, os sem família e sem trabalho. Este é um quadro dramático que caracteriza nosso mundo de hoje. Desde esse ponto de vista é preciso termos consciência da dimensão desse drama universal em todas as partes do mundo, no qual muito jovens se encontram em peregrinação, vagando pelo deserto da vida à busca de acolhida, de hospitalidade e de amor.

Na repetida evocação que o P. Gildásio faz do episódio da Santa Missa de Dom Bosco na igreja do Sagrado Coração em Roma, em maio de 1887, poucos meses antes de sua chegada definitiva à Casa do Pai; e das lágrimas que, por quinze vezes, o obrigaram a interromper a celebração, enquanto comtemplava, cheio de estupor e reconhecimento, como num "flashback", todo o percurso daquele sonho, são as palavras confortadoras de Maria, mãe e mestra: «A seu

tempo tudo compreenderás», que confirmam a autenticidade de sua vocação e missão, e, portanto, de sua santidade a serviço de «um projeto de vida fortemente unitário: o serviço aos jovens», que nosso Pai «realizou com firmeza e constância, por entre obstáculos e canseiras, com sensibilidade de um coração generoso» (C. 21).

Faço votos que a leitura deste livro desperte sempre mais o empenho em continuar a levar adiante o "sonho de Deus", enquanto, como Dom Bosco, vamos caminhando "como se víssemos o invisível".

P. Pascual Chávez Villanueva, SDB

Roma, 24 de fevereiro de 2024

INTERPRETAR UM SONHO, HOJE

Celebrando o bicentenário do "Sonho dos nove anos" de Dom Bosco, estas páginas se propõem aprofundar o sonho de Joãozinho em 1824, que ele voltou a sonhar como jovem padre em Turim em 1844.

Anos mais tarde, quando visita o Papa Pio IX e recebe dele a obediência de pôr por escrito suas memórias e seu sistema educativo, redigirá suas famosas *Memórias do Oratório*.[1]

É evidente que, para um menino, um sonho, mesmo que venha da parte de Deus, não é fácil de assimilar e compreender rapidamente; haverá de ser interpretado aos poucos e encontrar sua confirmação ao longo das experiências da vida, na comprovação dos fatos a que o sonho se referiu e na gradualidade dos acontecimentos.

O sonho é relido a partir de uma perspectiva ampla: a revelação faz parte do plano do amor e do chamado de Deus. É um sinal, uma mensagem que João Bosco assume e segue, interpreta e vive no contexto do projeto de Deus, do carisma e da missão que o Espírito Santo lhe confia. Esse sonho orientou seu caminho para o sacerdócio e marcou profundamente toda sua existência.

Podemos perguntar: quando foi que Dom Bosco assumiu como próprio, de forma explícita e experiencial, esse sonho? Estas páginas visam precisamente responder essa pergunta.

A argumentação da resposta leva-nos a mostrar como Dom Bosco, de 1844 a 1846, enfrenta incansável, corajosa e contínua

---

[1] SÃO JOÃO BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales 1815-1855*. Tradução de Fausto Santa Catarina. Edição revista e ampliada, aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira. EDEBÊ 2018. – [Citação: *Memórias do Oratório...*] – Aqui referimos as citações das *Memórias do Oratório* e das *Memórias Biográficas* sem aprofundar as fontes. Para um estudo mais aprofundado da vida do Santo, sugerimos: A. GIRAUDO (a cura di), *Memorie dell'Oratorio di S. Francesco di Sales dal 1815 al 1855. Saggio introduttivo e note storiche,* LAS, Roma 2021. T. BOSCO (a cura di), SAN GIOVANNI BOSCO, *Memorie,* Elledici, Torino 1985 (com alguns retoques na linguagem de 1800 em relação à linguagem popular de hoje). Ou os diversos estudos pelo Instituto Histórico Salesiano, na revista «Ricerche Storiche Salesiane» (LAS).

peregrinação em busca de um lugar para seus jovens em Turim, a fim de traduzir em realidade o que apenas entreviu no sonho. É, pois, em Dom Bosco adulto que o sonho se torna vida, existência, experiência.

Duas são as questões fundamentais a esclarecer: o que significa para Dom Bosco viver a experiência de peregrino na contínua busca de um lugar para se fixar e, depois de tê-lo encontrado, como criar um ambiente amistoso para acolher e abrigar os jovens mais pobres? Como consequência, na vivência pessoal dessa busca de um lugar para viver e acolher seus jovens, como Dom Bosco desenvolveu e integrou em sua vida, em sua espiritualidade e praxe educativa o valor da hospitalidade?

Dom Bosco é um peregrino que caminha com fé para realizar o projeto do amor de Deus em sua vida! Da viagem inicial em busca de um lugar estável até a realização de sua obra de educador e fundador, Dom Bosco viveu um caminho espiritual, uma verdadeira e autêntica peregrinação, nas pegadas de Moisés, em busca da "Terra Prometida Salesiana": Valdocco!

Seguindo a trama desse sofrido caminhar, queremos mostrar como Dom Bosco, partindo da experiência de peregrino, faz experiência do valor evangélico da hospitalidade, fundando a Obra Salesiana como lugar de acolhida, de afeto e de crescimento humano e espiritual.

Pelas suas experiências de vida, sabe muito bem o que significa ser hóspede e, por sua vez, o que significa oferecer hospitalidade: ser acolhido numa casa, ter o que comer, sentir o calor do afeto das pessoas, receber um apoio educativo, ter um trabalho... Como menino e como jovem, viveu na própria carne o valor evangélico da hospitalidade, motivo pelo qual, como padre, ele vê a Deus no rosto de todos que procuram um lugar de acolhida.

Divinamente inspirado e com grande sabedoria educativa, sabia tocar o coração de seus jovens mediante o amor de um pai, de um educador genial e incansável, de um líder capaz de atrair os jovens para colaborar na missão que Deus lhe tinha confiado. Em tudo que fazia tinha um escopo muito preciso: fazer a vontade de Deus e realizar seu sonho, o sonho de salvar as almas!

Para seus jovens, para os primeiros Salesianos e para muitos leigos, Dom Bosco foi um homem de Deus vindo ao mundo a fim de cumprir uma grande missão. Sua santidade é um dom maravilhoso para a Igreja e para o mundo. Ainda hoje, em todas as partes do mundo, nos pátios dos Oratórios, a figura de Dom Bosco se levanta como farol de esperança e luz para todos os jovens que representam o futuro que virá.

Como numa espiral do tempo, com um salto cronológico e dinâmico para dentro do sonho dos nove anos de Joãozinho, numa inversão reflexa a modo de uma imagem num espelho, mergulharemos nas suas intenções, Entre o sonho dos 9 anos e o sonho do jovem padre, só mistério e busca incansável de hospitalidade!

Como Dom Bosco, somos todos peregrinos de Deus.

Peregrinos com os jovens!

P. Gildásio Mendes dos Santos, SDB

Roma, 24 de maio de 2024

Becchi, Piemonte, 1824. Dom Bosco, menino, 9 anos.

> «Nessa idade tive um sonho que me ficou profundamente impresso na mente por toda a vida. [...] Nesse ponto, sempre no sonho, desatei a chorar e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo: "A seu tempo tudo compreenderás"».[2]

[2] *Memórias de Oratório…*, p. 32, 34.

Turim, outubro de 1844. Dom Bosco, jovem padre.

> «No segundo domingo de outubro daquele ano (1844) devia anunciar aos meninos que o Oratório ia mudar-se para Valdocco. Contudo, a incerteza do lugar, dos meios, das pessoas deixava-me muito preocupado. Na tarde anterior fui dormir com o coração inquieto. Tive naquela noite outro sonho, que parece um apêndice do que tive nos Becchi aos 9 anos».[3]

[3] *Memórias do Oratório…*, p. 146-147.

Basílica do Sagrado Coração, Roma, maio de 1887. Dom Bosco, 8 meses antes de sua morte.

> «Naquela manhã Dom Bosco quis descer à igreja e celebrar no altar de Maria Auxiliadora. Pelo menos quinze vezes durante o Divino Sacrifício parou, tomado por forte comoção e derramando lágrimas. [...] Eu tinha diante dos olhos de forma muito viva a cena de quando, perto dos dez anos, sonhei a respeito da Congregação. Eu via e ouvia a mamãe o os irmãos discutir a respeito do sonho. [...] Então Nossa Senhora lhe tinha dito: "A seu tempo tudo compreenderás"».[4]

[4] EUGENIO CERIA, *Memorie Biografiche di San Giovanni Bosco 1886-1888*, vol. XVIII, SEI, Torino 1937, p. 340-341.

Das Constituições Salesianas.

> «O Senhor nos deu Dom Bosco como pai e mestre. Nós o estudamos e imitamos, admirando nele esplêndida harmonia de natureza e graça. Profundamente homem, rico das virtudes do seu povo, era aberto às realidades terrenas; profundamente homem de Deus, cheio dos dons do Espírito Santo, vivia "**como se visse o invisível**"».[5]

[5] *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales,* art. 21.

PRIMEIRA PARTE

Dom Bosco, padre novo, revive o sonho dos 9 anos

Em 1844, Dom Bosco, padre novo em Turim, revive como num "flashback" o sonho dos 9 anos de 1824.

> «No segundo domingo de outubro daquele ano (1844) eu devia anunciar aos meninos que o Oratório ia mudar-se para Valdocco. Contudo, a incerteza do lugar, dos meios, das pessoas deixava-me muito preocupado. Na noite anterior fui para a cama com o coração inquieto. Tive naquela noite outro sonho, que parece um apêndice do que tive nos Becchi aos 9 anos».[6]

Os bandos dos desordeiros

Turim, 1844. Dom Bosco é padre há poucos anos. No bairro da periferia de Turim chamado Valdocco dá início ao Oratório de São Francisco de Sales, que se consolida no momento em que encontra uma sede estável na casa Pinardi em 1846.

Naqueles anos, um grande número de jovens pobres, impelidos pela necessidade de encontrar trabalho, está chegando a Turim, cidade em rápido desenvolvimento econômico e social, todos eles muito frágeis em nível religioso, afetivo e educacional.[7]

Dom Bosco decide dedicar-se totalmente a eles, sobretudo aos mais pobres e abandonados. São jovens em busca de um futuro melhor, mas que ninguém quer, inclusive assustam as pessoas de bem.

> «Tomando consciência de que as estruturas de Igreja não eram mais adaptadas para responder aos desequilíbrios sociais e culturais da época, animado pela tradição caritativa católica, Dom Bosco tentou uma interação diferente com os jovens arrancados do próprio ambiente de origem».[8]

---

[6] *Memórias do Oratório…*, p. 146-147.

[7] Para uma visão ampla da vida e missão de Dom Bosco em Valdocco, cf. PIETRO BRAIDO, *Don Bosco prete dei Giovani nel secolo delle libertà,* voll. I-II, LAS, Roma 2009.

[8] PIETRO BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà,* Vol. II, LAS, Roma 2009, p. 42.

Lobos e cordeiros

No segundo sonho, Dom Bosco já é homem feito, integrado na comunidade cristã como sacerdote que amadureceu seu pensamento e concretizou sua personalidade de forma plena e também sacrificada.

Dar vida ao sonho significa ter plena consciência dessa divina responsabilidade e, com os pés no chão, começar a concretizá-lo.

> «No segundo domingo de outubro daquele ano (1844) devia anunciar aos meninos que o Oratório ia mudar-se para Valdocco. Contudo, a incerteza do lugar, dos meios, das pessoas deixava-me muito preocupado. Na tarde anterior fui dormir com o coração inquieto».[9]

Dom Bosco continua narrando seu segundo sonho e observa:

> «Julgo oportuno contá-lo em pormenores. Sonhei que estava no meio de uma multidão de lobos, cabras e cabritos, cordeiros, ovelhas, bodes, cães e pássaros. Faziam todos juntos um barulho, uma desordem, ou melhor, uma inferneira de espantar os mais corajosos. Ia fugir, quando uma senhora, muito bem trajada à moda de pastorinha, fez um gesto para que seguisse e acompanhasse o estranho rebanho; enquanto isso, ela se punha à frente».[10]

O sonho do peregrino

Dom Bosco é um verdadeiro peregrino que sonha. O sonho lança-o numa atividade ininterrupta e comprometedora. Expressão da sua vitalidade interior, é energia e entusiasmo. O sonho no coração de Dom Bosco é como uma sarça ardente: chama de fogo interior, de movimento vital que dele emana, em Deus.

A realização do sonho exige concentração e atenção para descobrir os sinais de Deus, dia por dia, nas pequenas coisas, para

---

[9] *Memórias do Oratório*..., p. 146-147.
[10] *Memórias do Oratório*..., p. 147.

interpretar e dar significado a tudo o que está relacionado com o sonho.

Todavia, carregar um sonho no coração exige busca constante, às vezes até mesmo caminhar na escuridão; interrogar-se continuamente a respeito do que fazer para concretizar o que o sonho veladamente anunciou.

O período que vai de 1844 a 1846 é um tempo de profundas interrogações existenciais a respeito do significado, particularmente da concreta realização do sonho dos 9 anos. Dom Bosco, psicológica e espiritualmente vive um verdadeiro peso existencial, deslocando-se de um lugar para outro, confrontanto-se com pessoas próximas dele nas intenções, que, no entanto, chegaram duvidar de sua saúde mental.

Escolhido por Deus para uma grande missão, o caminho da fé de Dom Bosco é dinâmico, sempre em subida. Ele vive o êxodo de seu povoado dos Becchi, em contínua busca de um lugar, para si e para seus jovens.

No seu horizonte de fé, pela frente só se vê deserto e caminhar!

Uma estrada no deserto

O percurso empreendido por Dom Bosco estabelece um paralelo com a viagem de Moisés a caminho da Terra Prometida.[11] Tanto Moisés quanto Dom Bosco têm grande missão a cumprir, confiada a eles por Deus.

A peregrinação, vista em seu sentido mais recôndito como "encontro" e "cuidado", é a expressão mais significativa que o ser humano pode colher em relação à condição humana.

Quem percorre uma estrada pantanosa, logo pensa em desviar alguns passos para ver como ela é e para onde leva. No fim, na chegada, fica-se admirado de ter tido a força de enfrentar um percurso tão árduo e vive-se a gratificação da canseira que cessou.

---

[11] Cf. JACQUES LOEW, *Preghiera e Vita. Grandi modelli*, Edizione Morcellana, Brescia 1991.

Como numa luta, ao debater-se para aquém do limite sonhado, Dom Bosco empreende uma longa peregrinação em busca de uma meta prometida, de um lugar fixo, de um terreno sólido que represente o limite da chegada.

Dom Bosco, como Moisés, deverá atravessar o "deserto", para chegar ao último limite de seu sonho, traduzindo em prática o modelo evangélico do cuidado para com o próximo.[12]

A pastorinha põe-se à frente

O segundo sonho tem uma sequência simples e concreta. Abre-se rapidamente ao novo, ao que há de vir, ao que deve ser realizado: os animais se transformam em cordeiros, crescem, chegam novos cordeiros que ajudam os outros animais a se tornarem cordeiros... Tudo muito pedagógico! No sonho, tudo se desvela, é mostrado um horizonte, desponta uma promessa e um grande futuro.

Nesse cenário, um detalhe fundamental esclarece a missão de Dom Bosco que o marcará para sempre. Algo maravilhoso: cordeiros que tomam conta dos outros: "uma maravilha", escreve Dom Bosco.

> «Aconteceu então uma coisa maravilhosa. Muitos cordeiros convertiam-se em pastorzinhos, que cresciam e passavam a tomar conta dos outros. Com o grande aumento do número dos pastorzinhos, eles se separavam e se dirigiam a outros lugares, onde reuniam alguns animais estranhos e os levavam a outros redis».[13]

O sonho será compartilhado com outras pessoas, muitas outras. Seu sonho, que é o sonho de Deus para ele, será o sonho de muita gente que haverá de chegar para ajudá-lo na missão. Caminhar juntos! Este é o segredo de todos que caminham com Deus.

A segunda parte do sonho prossegue com outra indicação muito preciosa e reveladora para Dom Bosco por parte da pastorinha: uma igreja com uma inscrição dedicada a Maria.

---

[12] Morand Wirth, nel libro *Don Bosco et la Bible*, apresenta uum estudo sobre o influxo e os textos do Antigo e do Novo Testamento na vida de Dom Bosco, p. 46-85.

[13] *Memórias do Oratório...*, p. 147.

O sonho vem confirmar que é Maria quem guia Dom Bosco com segurança. Ele é convocado a tomar conta dos jovens pobres, entre os quais surgirão os que cuidarão de outros jovens e colaborarão com a missão (seus colaboradores, os futuros Salesianos). No sonho, Dom Bosco também entrevê a igreja dedicada a Maria, donde a missão se expandirá e a glória da Mãe do Filho de Deus será proclamada.

> «Eu queria ir embora, porque parecia estar na hora de rezar Missa, mas a pastorinha me convidou a olhar para o sul. Olhei e vi um campo semeado de milho, batata, couve, beterraba, alface e muitas outras verduras. – Olha outra vez – disse-me. Olhei de novo. Vi então uma igreja estupenda e alta. Um conjunto de música instrumental e vocal convidava-me a cantar Missa. No interior da igreja havia uma faixa branca, na qual estava escrito em caracteres garrafais: *Hic domus mea, inde gloria mea.* Sempre em sonho, quis perguntar à pastorinha onde eu estava, que significava aquele andar e parar, a casa, a igreja e depois outra igreja mais. – "Tudo haverás de compreender quando com teus olhos materiais vires realizado o que agora vês com os olhos da mente". Parecendo-me, porém, estar acordado, disse: – "Eu vejo claro e vejo com os olhos materiais. Sei aonde vou e o que faço. Naquele instante soou o sino das *Ave-marias* na igreja de São Francisco, e acordei».[14]

Impossível... Maravilhoso!

O sonho levanta perguntas necessárias, naturais, desperta visões quanto ao futuro que levam a questionar a pastorinha: «E agora? Que significado têm esses animais, essa igreja? A que futuro se refere isso?». São perguntas que estabelecem uma espécie de diálogo com ela, como quem diz: «Sim, tudo isso é maravilhoso. Eu sei que provém de Ti, eu confio em Ti. Mas, como posso realizar tudo isso?».

Há ainda muito a fazer... Há uma grande distância entre o sonho e a realidade. Dom Bosco, em sua fé, sente necessidade de fazer essa passagem, de realizar o que é mais comprometedor e sacrificado:

---

[14] *Memórias do Oratório...*, p.148.

transformar o sonho em realidade; de carregar dentro de si, no silêncio, um sonho como uma semente que germina, cresce e frutifica...

O sonho do menino de 9 anos aos poucos vai amadurecendo em seu coração, no interior profundo de Dom Bosco sacerdote.

Tudo isso tem implicações importantes para interpretar o que ele crê em sua fé. Cabe a ele agora interpretar o sonho, sonhar com os pés no chão, com a mente centrada nas perguntas concretas às quais deve dar resposta, descobrir onde estão os meninos pobres, os jovens perdidos que gritam por sua ajuda.

Quanto pesa um sonho?

Um sonho sempre projeta algo novo, coloca a pessoa diante do imprevisto, do imaginário, do simbólico. Toda essa realidade psicológica e espiritual tem forte impacto na psique humana, nas emoções, no modo de interpretar a vida.

A isto se soma o peso espiritual: como carregar dentro de si essa nova realidade que ainda não se concretizou? Como viver a vida ordinária em nível existencial, conservando intacta dentro de si uma realidade que ainda não se vê, que ainda não se realizou e, assim mesmo, torná-la concreta?

Quem pode carregar esse peso? Só o escolhido por Deus, mais ninguém: a pessoa e Deus! É evidente que Dom Bosco compartilhava sua inquietação e sua busca espiritual com seu grande orientador, o P. José Cafasso. Entretanto, o próprio Dom Bosco sabia que poderia ir muito além. Entre o que tinha visto em seu sonho, entre o que estava realizando e que ainda deveria realizar, a espessura era subtil, como entre a loucura e uma ideia genial.

A noite clara como o dia

O silêncio do coração e da alma para uma pessoa chamada por Deus a desempenhar uma grande missão muitas vezes acontece na escuridão da noite, à luz da chama insegura de uma vela; muitas vezes se transforma num turbilhão de imagens e vozes que

perpassam a mente e o coração. Deus é luz invisível nesse difícil exercício do amor doado, um sopro divino que assinala o destino. Assim, agora Dom Bosco sabe ter acolhido em si uma mensagem vinda do céu.

Essa tensão psico-espiritual cresce e alcança seu vértice, no qual a pessoa entra em crise existencial. Como é possível realizar um projeto nos limites de si, sem ter a certeza de que se trata realmente da vontade de Deus? Porque um grande sonho supõe também grandes empreitadas!

O segredo do futuro

É interessante observar a sequência de verbos usados pelo Santo na narração do segundo sonho.

Dom Bosco exprime seu estado interior em viver esse sonho e as etapas da dinâmica psicológico-espiritual da narração onírica: olhar, ouvir, acompanhar, seguir, cansar-se, fugir e transformar. Fala da precariedade de lugares, meios e pessoas. É muito concreto. Segue uma lógica simples, mas realista. O que deveria fazer, com que meios, com que pessoas levar a termo essa tarefa?

> «O sonho durou quase a noite inteira, com muitos detalhes. Por então pouco compreendi o significado, porque não lhe dava muito crédito; mas fui entendendo as coisas à proporção que se iam realizando. Posteriormente, junto com outro sonho, serviu-me de programa em minhas decisões».[15]

Lendo o sonho por inteiro, notamos que a incerteza não se refere simplesmente à busca de um lugar material para seus jovens, mas a algo mais, ao que Deus lhe pede e lhe mostra. O que o preocupa é a missão do futuro, o que Deus haverá de revelar-lhe em segredo.

---

[15] *Memórias do Oratório…*, p.148.

Inspirado pelo invisível

É interessante notar o verbo "cansar". Em meio a todas essas imagens simbólicas, tanto pela sua intensidade visiva, quanto pelo seu surpreendente movimento e pela crescente e inesperada conclusão, têm um grande efeito psicológico sobre seu processo afetivo-cognitivo que recolhe informações e que tenta compreendê-las.

O sonho é como uma imensa torrente que invade nosso universo interior, com movimentos rápidos, transformações velozes, num crescendo contínuo, que emotivamente nos cansa.

O protagonista do sonho é Dom Bosco. Não fica olhando de longe, como se se tratasse de algo muito distante. É chamado a agir, a intervir, a fazer alguma acoisa para aplacar o conflito. Além disso, sente a impotência física e emotiva de não poder resolver a situação.

Como acalmar os jovens que brigam? Além do limite físico, há outro que ele deve enfrentar, mas em nível mais profundo (espiritual e existencial): Como tomar conta desses jovens? Que missão Deus reserva para ele?

> «Estivemos vagando por vários lugares; fizemos três estações ou paradas. A cada parada muitos desses animais convertiam-se em cordeiros, cujo número ia sempre aumentando. Depois de muito andar, encontrei-me num prado onde os animais saltitavam e comiam juntos, sem que nenhum deles tentasse prejudicar os outros».[16]

Peregrino solitário da Graça

Pergunta difícil, mas necessária, para um jovem padre diante de uma missão: «*Como posso fazer com que tudo isso se realize?*».

A resposta, consoladora, é muito simples, mas ainda carregada de mistério: «*A seu tempo tudo compreenderás*».

Na prática, Dom Bosco, completamente sozinho, carregará o peso de um sonho, de uma grande promessa e de um projeto sem

---

[16] *Memórias do Oratório…*, p.147.

medidas. Um caminho de solidão para carregar, no silêncio, na dor e na alegria, um sonho que desabrocha no tempo de Deus.

Mediante sua experiência pessoal de fé, Dom Bosco é chamado a interpretar sua vida, os acontecimentos do seu dia a dia, conferindo-lhes um sentido, operando uma entrega total a uma contínua peregrinação, de dia e de noite, à procura... de um sentido e de uma realização.

Nada do que acontece na vida se encontra fora de seu universo de interpretação da fé: das pessoas que encontra até as estradas que se abrem; das dificuldades que aparecem até os passos a realizar para o início da Congregação. Tudo é interpetado pela fé e pela confiança em Deus e em sua graça.

Sua tarefa era guardar essa revelação entre Deus e ele mesmo; nada mais do que esse pacto íntimo que ele trazia em seu coração e que sabia não poder revelar. Aqui Dom Bosco entra por um caminho de solidão, onde se encontra sozinho; entra num mistério que somente ele, na oração e na interpretação mediante sua fé em Deus, pode encontrar uma janela aberta de esperança e de conforto.

Em sua fé, ele sabe que seu sonho é também o sonho de outros, como Moisés, José...

SEGUNDA PARTE

Vá! O caminho será mostrado a seu tempo

Vinte anos depois do sonho dos 9 anos, Dom Bosco sonha de novo, à luz da realidade... o invisível.

Arrebatadores e densos são os pensamentos desse homem comum; sua vontade fortalecida pela Graça é uma aljava de flechas agudas. É assim que Dom Bosco parte para a "Terra Prometida", Valdocco, como Moisés partiu para sua Terra Prometida.

Essa comparação aponta para uma visão bíblica que acomuna essas duas figuras extraordinárias.

Tal como o sonho sublinha, o caminho, palavra-chave do viático espiritual, faz com que a vocação de Dom Bosco se identifique com a confiança em Deus, sinal que desafia o espaço sem limites do deserto.

Entre os personagens bíblicos, aquele com quem Dom Bosco mais se assemelha é precisamente Moisés. Ambos devem empreender uma viagem de fé, carregar em si uma promessa: a missão de levar um povo a um lugar predestinado.

A fé os conduzirá a secundar o plano de Deus. Na carta aos Hebreus lê-se que...

> «... pela fé, Moisés deixou o Egito, sem temer a ira do rei; de fato, ele se manteve firme como se visse o invisível».[17]

Na biografia de Dom Bosco, insolitamente encontramos uma passagem em que se faz referência ao povo de Deus que saía do Egito. Emerge aqui um particular muito interessante quanto ao interesse de Dom Bosco por essa passagem bíblica que aborda precisamente o tema do êxodo do povo hebreu, da sua peregrinação que busca um lugar, uma terra, uma hospitalidade.

---

[17] *Hb* 11,27.

> «Esses sonhos eram de grande conforto para o Servo de Deus. "Conforme narra José Buzzetti, recordo que às vezes nosso querido Dom Bosco, aludindo ao fato do povo hebreu que saía do Egito, penetrava no deserto e construía seus acampamentos em diversos lugares, ele nos encorajava a esperar que, mais cedo ou mais tarde, Deus haveria de dar também a nós uma Terra Prometida, onde fixar estavelmente nossa morada"».[18]

Dom Bosco enfrenta todos os desafios da vida com grande fé, procurando dar significado a tudo o que aparece em seu caminho.

Não era homem de partilhar facilmente sua experiência pessoal com Deus; era um peregrino que aprendera a caminhar no deserto da vida com grande liberdade interior.

O que o deserto ensina

Biblicamente, o deserto é o lugar da purificação, da liberdade, o lugar onde Deus fala ao coração e educa quem Ele escolhe para uma missão especial.

Deus educa servindo-se do desconhecido, do imprevisível. Prepara a pessoa para entrar na "pedagogia do deserto", para caminhar na incerteza, seguindo uma lógica de fé, na qual a pessoa se confronta diretamente com Deus que fala por meio do caminho, do espaço vazio e sem fim, do constante movimento interior e exterior.

No deserto, a fé amadurece e cresce. O deserto conduz a pessoa ao imperceptível, à incógnita das coisas, porque, somente chegando ao real limite de si mesmo, revelará o que é o ser humano.

O deserto é o lugar da oração, da liberdade interior, da entrega, no exercício do longo caminhar, que muitas vezes acontece sem conhecer a meta.

Eis a grandeza de Dom Bosco. Não tem medo do deserto. Não foge.

---

[18] G.B. LEMOYNE, *Vita di San Giovanni Bosco*, vol. I - Nuova Edizione a cura di Don Angelo Amadei, SEI, Torino 1983, p. 278.

Com a ajuda da Graça, ele lê a presença de Deus no desconhecido, na incerteza, na crítica hostil dentro da Igreja do seu tempo, na fragilidade física e na enfermidade.

No deserto, Moisés ouviu o clamor do seu povo. No "deserto", Dom Bosco ouviu o clamor dos seus jovens pobres.

Como Moisés, Dom Bosco é chamado por Deus a uma missão imensa e comprometedora.

Contra toda esperança, Dom Bosco caminha. Em busca de uma terra prometida para os jovens, faz-se peregrino.

Tudo isto requer grande confiança na promessa de Deus.

Um ninho para os passarinhos

Dom Bosco estava angustiado! Precisamente assim, conforme narra o P. Lemoyne, referindo-se a Dom Bosco que procura um lugar para tantos jovens que continuam a chegar.

> «Servindo-se das santas indústrias acima descritas, o pequeno Oratório festivo em 1843 ia prosperando maravilhosamente. Dom Bosco, porém, estava um tanto angustiado por causa da estreiteza do espaço que lhe tinha sido concedido. Por causa do número, não era mais conveniente que os jovens ficassem na praça da igreja de São Francisco deAssis, mesmo para uma rápida recreação...».[19]

Considerando que essa igreja era central, com muitas missas, vários padres, numerosa afluência de gente... não era um lugar adequado para essa atividade, nem ela era bem vista por boa parte da sociedade.

> «Por isso, os jovens acabavam provocando desordens e incomodando. Além disso, os guardas da cidade não podiam tolerar um agrupamento barulhento num dos pontos mais centrais e nobres das residências... Por isso, Dom Bosco, antes ou depois de suas reuniões, ia para a praça da Igreja e para os cruzamentos das ruas vizinhas...».[20]

---

[19] G.B. LEMOYNE, *Memorie Biografiche*, vol. II, p. 135.

[20] G.B. LEMOYNE, *Memorie Biografiche*, vol. II, p. 135s.

Em meio a uma multidão de jovens, sozinho, o sonho e a realidade se confrontaram duramente.

«Está maluco!»

Em seu caminhar, Dom Bosco deve enfrentar sozinho, com Deus, aquele mistério que envolve a todos que percorrem o caminho da vontade de Deus, que se manifesta lentamente, criando às vezes incompreensões.

Verdade é que ele teve bons diretores espirituais, de modo especial o P. José Cafasso que o acompanhou em seu caminho espiritual. Todavia, quem pode penetrar na grandeza de seu coração inquieto, portador de um sonho incompreensível?

Só resta caminhar no mistério, com profunda fé e confiança.

Em vez de encontrar compreensão, ou pelo menos a possibilidade de não ser perturbado em seu caminho de busca espiritual para realizar seu sonho, acontece precisamente o contrário.

A experiência pessoal de Dom Bosco de crer e de seguir seu sonho deixou algumas pessoas, embora próximas dele, muito preocupadas quanto a seu modo de interpretar a realidade a seu redor.

Esssa atitude, considerada errada da parte de seus estreitos colaboradores, é narrada em sua biografia pelo P. Lemoyne.

> Em 1846, «quando se espalhou a voz a respeito das graves dificuldades que se levantavam a cada passo para obstaculizar a obra de Dom Bosco, muitos dos seus amigos, em vez de estimulá-lo a perseverar, começaram a sugerir-lhe que abandonasse o empreendimento [...] Alguns seus condiscípulos do seminário e do Colégio Eclesiástico tentaram aconselhá-lo a modificar seu método de apostolado. Diziam-lhe:
> – Veja, você compromete o caráter sacerdotal.
> – De que jeito? – retrucava Dom Bosco.
> – Com suas extravagâncias. Você se rebaixa a tomar parte nos jogos desses meninos que vivem nas ruas, deixa que o acompanhem com toda essa gritaria irreverente. Jamais se viu uma coisa dessas em

> Turim; ela é contrária aos antigos costumes de um clero tão sério e reservado como o nosso».[21]

Lemoyne, ao escrever sobre a situação psicológica de Dom Bosco, afirma que o próprio Teólogo Borel, seu grande amigo, estava muito preocupado, pensando até que ele sofresse de um distúrbio mental.

> «Até mesmo o incomparável Teólogo Borel, que aprovava cem por cento suas ideias, começou a dizer-lhe na presença do P. Sebastião Pacchiotti:
> – Meu caro Dom Bosco, para não corrermos o risco de perder tudo, é melhor que tratemos de salvar ao menos uma parte. Esperemos por tempos melhores para nossos planos. Vamos despedir os atuais meninos do Oratório, fiquemos apenas com uns vinte dos menores.
> Enquanto, em privado, cuidarmos desses poucos, o Senhor nos abrirá os caminhos para fazer mais, providenciando-nos os meios e um local oportuno.
> Como alguém que sabe o que está fazendo, Dom Bosco respondeu:
> – Não, não; isso não! O Senhor na sua misericórdia começou a sua obra e deve terminá-la. E o senhor sabe muito bem como foi difícil afastar do mau caminho tão grande número de meninos e como eles nos correspondem tão bem. Minha opinião é de que não convém deixá-los novamente a si mesmos, expostos aos perigos do mundo, com grave prejuízo para sua alma.
> – Sim, mas onde reuni-los?
> – No Oratório.
> – Onde está esse Oratório?
> – Eu o vejo já pronto: vejo uma igreja, vejo uma casa, vejo um recinto para brincar. Isso existe e eu o vejo.
> – E onde estão todas essas coisas? – perguntou o bom Teólogo Borel.
> – Não posso ainda dizer onde estão, mas existem com certeza; eu as vejo e serão nossas».[22]

Esse diálogo perturba intensamente o grande amigo de Dom Bosco, o Teólogo Borel, que a cada pergunta recebe uma resposta

---

[21] G.B. LEMOYNE, *Memorie Biografiche*, vol. II, p. 408s.
[22] G.B. LEMOYNE, *Memorie Biografiche*, vol. II, p. 409s.

precisa. Diante disso, faz mais perguntas, e Dom Bosco responde a todas elas com firmeza.

> «Ao ouvir essas palavras, o Teólogo Borel se sentiu profundamente comovido, como afirmava ele mesmo anos depois ao contar esse fato a alguns Salesianos provectos. Aquelas afirmações lhe pareciam uma prova evidente da demência do querido amigo e exclamou:
> – Meu pobre Dom Bosco! De fato está enlouquecido!
> E não podendo suportar a pena imensa que experimentava em seu coração, chegou perto dele, beijou-o e se afastou desfeito em lágrimas. Também o P. Pachiotti olhou para ele com compaixão, dizendo:
> – Pobre Dom Bosco! – E se retirou entristecido».[23]

Luzes no caminho

Diante dessas reações por parte de amigos e outras pessoas, Dom Bosco continua seu caminho pessoal, interpretando seu sonho à luz da fé e trabalhando para torná-lo realidade. Segue com determinação cada indício, a fim de encontrar sinais concretos no dia a dia que tornem factível o caminho que está percorrendo.

Preocupado e inquieto, rodeia-se de silêncio, mergulha em seu profundo mistério e percorre, cansado e incerto, mas confiante, sua íngreme estrada.

Trata-se de dúvidas naturais que atravessam o coração de quem é chamado a uma grande missão em nome de Deus.

Dentro do seu próprio ser, Dom Bosco interpreta sua viagem e as realidades que surgem a cada passo, com uma atitude de fé persevante, com a certeza de que Deus está com ele e que deverá continuar seu caminho, buscando interpretá-lo à luz da confiança em Deus.

---

[23] G.B. LEMOYNE, *Memorie Biografiche*, vol. II, p. 410.

A enfermidade

Incompreensões, críticas, incertezas, enfermidade! Dom Bosco, jovem padre, que carrega em si o desafio de encontrar um lugar para seus jovens em Turim, improvisamente adoece.

Nos primeiros dias de julho de 1846, num domingo, voltando do Oratório no Refúgio da Marquesa Barolo, desmaiou e teve que deitar, com febre. Pela gravidade e pelo evoluir da enfermidade pode-se pensar numa grave afecção pulmonar, talvez uma broncopneumonia. Superada a crise, impunha-se a urgência de uma longa convalescença em sua terra natal...

Desde Castelnuovo, Dom Bosco se mantinha em constante contato epistolar com o Teólogo Borel. Enfim, terminada a longa convalescença de quase quatro meses, no dia 3 de novembro de 1846, ajeitava-se com a mãe na casa alugada em junho.

Exausto e obrigado à imobilidade, Dom Bosco, mesmo durante sua enfermidade, não para de pensar em seus jovens: a missão não pode ser abandonada.

O que se revelou a seu olhar fica oculto a nós. Nem se conhece que panorama, que dramáticas experiências teve de vivenciar nesse caminho pedregoso. Somente quem pode elevar-se acima do nível do ser humano, até as alturas celestes, pode olhar corajosamente para elas e enfrentá-las.

A força do alto

Apesar de todas as incertezas e dificuldades, Dom Bosco continuou a percorrer seu caminho no silêncio interior, alimentado unicamente pela confiança em Deus e em si mesmo. Por esse motivo pouco escreveu a respeito de si mesmo. Não quis falar muito de sua vida interior. O que ele escreveu e descreveu é somente uma pequena parte do grande mosaico de sua experiência de fé.

Quanto à vida espiritual, entregou-se totalmente à guia do P. Cafasso, que foi o primeiro a colaborar com ele. A relação de confiança com seu diretor espiritual o ajudou no processo de discernimento e nas decisões mais importantes em sua vida.

Quando inicia a fundação da Congregação, reunindo o pequeno grupo dos seus primeiros Salesianos, diante de Dom Bosco abre-se um imenso horizonte a uma nova realidade que ele abraça amplamente: fundar um Congregação a serviço dos jovens mais pobres. Que empreendimento!

Somente graças à confiança e a uma vontade férrea, ele pode mergulhar de alma e corpo nessa aventura sobrenatural que estava totalmente para além da lógica humana. Essa confiança lhe propicia segurança e serenidade no caminho espiritual de sacerdote e de fundador da Congregação Salesiana.

Dom Bosco vive na confiança. Em sua relação de pai, educador e fundador, junto com seus Salesianos e seus jovens, ele inicia um grande movimento de educação dos jovens.

Confiar é viver o caminho evangélico do Reino de Deus, cumprir sua vontade, vivenciar os valores do Evangelho e abraçar o caminho da santidade. A confiança gera atitudes coerentes e claras. Torna credível tudo o que Dom Bosco realizou. Dessa forma, ele cria uma rede de relações baseadas na verdade, demonstrando que a credibilidade nasce de sua continua entrega e confiança em Deus.

Esta confiança, para Dom Bosco, nasce do profundo abandono ao projeto de Deus, na certeza de colocar sua vida a serviço de uma missão maior do que ele.

Sua confiança abraça as realidades da vida diária, das novas situações que surgem. No encadeamento de todas essas dificuldades, ele experimenta na vida quotidiana a certeza de que Deus está confirmando as obras que sua Graça opera.

Com grande sentido de concretude e uma vontade decidida a realizar o sonho de Deus em sua vida, ele procura os jovens pelos arredores de Turim: acolhe um, dois, depois muitos jovens pobres. A chegada de cada um deles ao Oratório de Valdocco é uma prova da certeza de que Deus está presente e de que sua obra em favor dos jovens pobres e abandonados haveráde crescer desmedidamente.

TERCEIRA PARTE

Como um mar agitado

A constante busca de um lugar seguro para os seus jovens é também uma constante incerteza. Sua mente e seu coração se agitam como um mar irrequieto e um vento em redemoinho.

Em suas *Memórias do Oratório,* Dom Bosco começa a narrar a seu "povo" que haveria de chegar um momento surpreendente em sua vida. É o ano de 1841.

> «Mal entrei no Colegio Eclesiástico de São Francisco, vi-me logo cercado por um bando de meninos que me acompanhavam em ruas e praças, ate mesmo na sacristia da igreja do instituto. Não podia, entretanto, cuidar deles diretamente por falta de local».[24]

Dom Bosco começa no Colégio Eclesiástico de São Francisco de Assis o primeiro Oratório e ali permanece, surpreendentemente, até o ano de 1844:

> «Foi essa a vida normal do Oratório por quase três anos, isto é, até outubro de 1844. Entretanto, a Providência ia preparando novidades, mudanças e também tribulações».[25]

Se, por um lado, Dom Bosco empenha por inteiro seu coração para concretizar uma ideia de Oratório, pelo fato de padre jovem há outras propostas de trabalho para ele:

> «Nos três anos passados no Colégio fui várias vezes convidado por ele [Teólogo Borel] a ajudar nas funções sagradas, a confessar, a pregar com ele, de maneira que meu campo de trabalho já me era conhecido e de alguma maneira familiar».[26]

Naquele mesmo ano, além da dificuldade para Dom Bosco dedicar-se aos jovens e encontrar um lugar adequado para ele, havia também o compromisso de responder a diversos convites e

---

[24] *Memórias do Oratório…*, p. 135.

[25] *Memórias do Oratório…*, p. 143.

[26] *Memórias do Oratório…*, p. 146.

desempenhar outras funções para o Colégio Eclesiástico. Na verdade, Dom Bosco percebia que um tempo muito difícil logo iria começar. Era um momento dramático para ele e para os seus jovens:

> «No segundo domingo de outubro daquele ano [1844] devia anunciar aos meninos que o Oratório ia mudar-se para Valdocco. Mas a incerteza do lugar, dos meios, das pessoas deixava-me muito preocupado. Na tarde anterior fui dormir com o coração inquieto. Tive naquela noite outro sonho, que parece um apêndice do que tive nos Becchi aos 9 anos».[27]

Apesar de tudo prevalece a perseverança em continuar o caminho.

De um lugar para outro, em cada transferência de lugar, Dom Bosco leva consigo seus jovens e algumas coisas, como um crucifixo, material litúrgico, particularmente sua profunda tristeza de peregrino em busca de um lugar seguro.

É peregrino quem busca com devoção algo sagrado, mais além, como um cavaleiro em terra estrangeira que viaja à procura de Deus, a fim de que o céu recupere suas cores.

> «...Lá passamos sete meses e acreditávamos haver encontrado o paraíso terrestre, quando nos vimos obrigados a abandonar o acolhedor abrigo e ir à procura de outro. [...] Num domingo de julho de 1845, pegam-se bancos, genuflexórios, candelabros, algumas cadeiras, cruzes, quadros e quadrinhos, e cada um carregando o que podia, em meio à algazarra, risos e mágoa, fomos, à maneira de uma emigração popular...».[28].

A respeito disso, Pedro Braido afirma:

> «A abertura do Pequeno Hospital no dia primeiro de agosto de 1845, já meses antes havia privado os capelães do uso dos locais, agora destinados ao Oratório. Começava a peregrinação do Oratório em lugares que se sucediam, simplesmente para os catecismos ou

---

[27] *Memórias do Oratório*..., p. 146-147.

[28] *Memórias do Oratório*..., p. 153, 155.

> somente para o recreio: São Pedro *in Vincolis*, Moinhos Dora, casa Moretta, prado Filippi, até o último, Valdocco».[29]

Tudo acontece rapidamente: a chegada com os jovens a um lugar e a esperança de permanecer ali. Todavia, muito rapidamente também chega outra notícia, triste: não é possível permanecer ali, por vários motivos. Outro êxodo se prepara para aquele padre acompanhando por um barulhento grupo de jovens pelas ruas de Turim.

Um lugar seguro para cumprir a missão

Finalmente chega a resposta certa para se contrapor a esse grande sofrimento: um lugar seguro, um verdadeiro consolo. Trata-se da transferência para o atual Oratório de São Francisco de Sales em Valdocco. Dom Bosco narra esse momento decisivo e histórico, revelando seus sentimentos repletos de emoção e esperança.

> «Enquanto acontecia o que acima expus, chegou o último domingo em que ainda me permitiam organizar o Oratório no prado (15 de março de 1846). Eu calava, mas todos sabiam de minhas dificuldades e espinhos. Na tarde desse dia contemplei a multidão de meninos a brincar, e pensava na messe abundante que se ia preparando para o sagrado ministério. Vendo-me agora tão só, falto de colaboradores, forças esgotadas, saúde em estado deplorável, sem saber onde no futuro reunir meus meninos, senti-me profundamente comovido. Afastando-me um pouco, pus-me a passear sozinho, e pela primeira vez quiçá senti-me comovido até às lágrimas. Caminhando e erguendo os olhos ao céu, exclamei: "Meu Deus, por que não me mostrais o lugar em que desejais que reúna esses meninos? Dai-me a conhecer ou dizei-me o que devo fazer". Nem bem terminei esse desabafo, chegou um homem chamado Pancrácio Soave, que disse a gaguejar:
> – É verdade que está à procura de um lugar para construir um laboratório?
> – Laboratório, não, Oratório.

---

[29] PIETRO BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà,* Istituto Storico Salesiano, vol. I, LAS, Roma 2009, p. 182-183. Na realidade, o Pequeno Hospital foi aberto em 10 de agosto de 1845.

> – Não sei se é a mesma coisa Oratório ou laboratório, mas lugar existe, venha ver. É propriedade do senhor José Pinardi, pessoa honesta. Venha e fará um bom contrato. [...] No domingo seguinte, solenidade da Páscoa, 12 de abril, levaram-se para lá todos os apetrechos da igreja e dos jogos, e fomos tomar posse do novo local».[30]

Procurando um lugar para os seus jovens que aumentam cada dia, o P. Braido diz que se evidenciam diversos momentos em que Dom Bosco vive como peregrino:

> «Para a Missa e as demais funções sagradas, Dom Bosco levava os jovens de uma igreja para outra, dando preferência a algumas delas, como ele mesmo narra no "*Cenno Storico*" [Síntese Histórica]: "Nos dias santos, eu os levava a Sassi, às vezes a Nossa Senhora de *Campagna*, outras aos Capuchinhos do Monte ou então a Superga"».[31]

Por essa passagem podemos deduzir também as dificuldades que a realidade lhe impunha:

> «A efêmera presença em São Pedro *in Vincolis*, interrompida, segundo Dom Bosco, também pela maliciosa denúncia do capelão, o ex-capuchinho P. José Tesio (1777-1845)».[32]

A incansável busca às vezes levava a opções difíceis que iam fechando num círculo de ferro as contínuas tentativas de dispor de um lugar estável e seguro:

> «A opção exclusivamente oratoriana, de fato, vinha amadurecendo há vários meses, também pela crescente impossibilidade de coexistência da missão entre os jovens e o serviço de capelão no Pequeno Hospital de Santa Filomena. Entre outras coisas, as adversidades do Oratório itinerante coincidiram com as condições sempre mais precárias da saúde de Dom Bosco. A marquesa Barolo – em Roma para a aprovação

---

[30] *Memórias do Oratório...*, p. 176-177, 180.

[31] PIETRO BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, Istituto Storico Salesiano, Roma - Studi 20, vol. I, LAS, Roma 2009, p. 183. As pesquisas nos arquivos apuraram que as andanças do Oratório ocorreram numa ordem cronológica diversa. Para uma compreensão mais cuidadosa, cf. FRANCESCO MOTTO, *L'Oratorio di Don Bosco presso il cimitero di S. Pietro in Torino. Una documentata ricostruzione del noto episodio*, RSS 5 [1986] p. 199-220.

[32] *Ibidem*.

> de seus institutos religiosos – estava-lhe próxima com sensibilidade materna, servindo-se dos bons ofícios do Teólogo Borel, a quem empenhava com insistência a ocupar-se da saúde do padre castelnuovense, admitida como precária pelo próprio interessado, devido ao excesso de trabalho. Em carta de 3 de janeiro de 1846, no dia seguinte à Epifania, o Teólogo Borel garantia-lhe que Dom Bosco haveria de tomar um período de reposo. Mas a permanência junto ao amigo padre Abbondioli, pároco no subúrbio turinense de Sassi, não resolvia o problema, pois os jovens não deixavam de ir à sua procura, cansando seus pulmões com as confissões».[33]

Mas a persistência e a abnegação de Dom Bosco não conheciam limites. As opções aconteciam também com base nas urgências dos seus jovens, que ocupavam o primeiro lugar em seu coração. Cada tentativa por parte da Marquesa Barolo de apropriar-se de uma personalidade tão carismática e capaz como Dom Bosco era vã. «Era inevitável para Dom Bosco a recisão da relação "profissional". Assim ele teria dito à enérgica marquesa:

> «Minha resposta já está pensada. A senhora tem dinheiro e com facilidade encontrará quantos padres quiser para sua obra. O mesmo não acontece com meus pobres meninos. Se eu me retirar agora, tudo irá por água abaixo; por isso [...] deixarei oficialmente o cargo e me dedicarei inteiramente ao cuidado dos meninos abandonados».[34]

Dom Bosco, que sentiu na pele o drama de procurar um espaço para viver, comer... ele, que sofreu para encontrar um espaço para dormir e estudar, é enfático, fica junto dos seus jovens que conhecem seu drama.

Mas sua sabedoria de peregrino o coloca sempre no caminho da busca da vontade de Deus. O sonho se realiza ao caminhar.

---

[33] PIETRO BRAIDO, PIETRO BRAIDO, *Don Bosco prete dei giovani nel secolo delle libertà*, Istituto Storico Salesiano, Roma, vol. I, LAS, Roma 2009, p. 186-187.

[34] *Memórias do Oratório...*, p. 173-174.

QUARTA PARTE

«Meu nome é João»

A dimensão de Dom Bosco como peregrino já começa na sua infância. Na dinâmica interior da criança e do adolescente está a dura realidade da morte e da falta do pai, que ele perde quando é ainda menino.[35]

Ele está consciente da sua realidade humana e de sua história difícil. Em seu decisivo e emocionante encontro com o P. Calosso, diz com transparência e grande sentido da realidade e de coragem:

> «Chamo-me João Bosco; meu pai morreu quando eu era criança. Minha mãe é viúva e tem cinco bocas para alimentar. Aprendi a ler e também a escrever um pouquinho».[36]

Como adolescente, Dom Bosco é um peregrino que busca um pai, um ponto de referência espiritual para crescer e amadurecer.

De família simples e pobre, carrega consigo a experiência da carestia, dos tempos difíceis, particularmente depois da morte do pai.

> «Mas como viver, comer, pagar o aluguel e atender a tantos meninos que a cada instante pediam pão, calçado, roupas ou camisas para poderem ir ao trabalho? Havíamos feito trazer de casa um pouco de vinho, farinha, feijão, trigo e coisas assim. Para enfrentar as primeiras despesas, tinha vendido parte do campo e uma vinha.».[37].

---

[35] Cf. *Memórias do Oratório…*, p. 28-29.
[36] *Memórias do Oratório…*, p. 48.
[37] *Memórias do Oratório…*, p. 209.

Com o chapéu na mão

Um episódio marcará de forma particular sua vida. Estamos em fevereiro de 1828, pela manhã; as colinas estão cobertas de neve, num dos invernos mais gelados da época. Por razão dos desentendimentos com o meio-irmão Antônio, a pobre Mamãe Margarida viu-se obrigada a mandar seu Joãozinho a procurar trabalho em alguma das propriedades vizinhas. Um costume bastante comum na época, mas não em pleno inverno, quando os trabalhos do campo estão parados e ninguém contrata mão de obra, disponível a baixo preço: empregados só se contratam no fim de março.

João está com treze anos e, chorando, deixa a casa onde nasceu. Depois de vagar pelas colinas da redondeza, chega à propriedade do casal Moglia, parentes da mãe. O diálogo é sofrido:

> «Luís Moglia pergunta:
> – Quem é que você procura, rapaz?
> – Procuro Luís Moglia.
> – Sou eu, o que você quer?
> – Minha mãe me disse que viesse aqui para cuidar de suas vacas.
> – Pobre rapaz, eu não posso contratar você agora; estamos no inverno e os vaqueiros são dispensados: não costumamos contratar ninguém antes da festa da Anunciação. Tenha paciência e vá para casa.
> – (Chorando). Contrate-me por um pouco de tempo! Não precisa me pagar nada.
> – Não quero, não; você não sabe fazer nada.
> – Contrate-me: eu vou me sentar aqui no chão e não saio daqui. – E dizendo isso, Joãozinho começa a recolher vimes espalhados pelo chão, como os outros faziam.
> Doroteia Moglia convenceu o marido de que, pelo menos por alguns dias, contratasse o pobre rapaz, como se fez».[38]

Joãozinho ficará ali quase dois anos, como um servente modelo, que verá aumentar seu "pagamento" até chegar a 50 liras por ano, tão precioso era seu serviço.

---

[38] TERESIO BOSCO, *Don Bosco Storie di un prete,* Elledici (Leuman-Torino), 1999, p. 44s.

Ao acolher seus pobres jovens, chorando e perdidos, quantas vezes terá visto a si mesmo, com o chapéu na mão e o coração ferido, sem dinheiro, sem afetos e sem apoio, e terá voltado a chorar, sem se deixar ver, escondendo aquelas lágrimas num sorriso acolhedor e generoso.

Peregrino também como estudante!

Nas *Memórias do Orat*ório narra sua dificuldade em ter que percorrer longo trecho de estrada a pé todos os dias para ir à escola.

> «A entrada para uma escola pública, com professor novo, depois dos estudos feitos em particular, foi para mim um transtorno, pois quase tive de começar a gramática italiana para depois passar à latina. Por algum tempo ia todos os dias de casa à escola no povoado, mas no rigor do inverno isso era quase impossível».[39]

Com muita simplicidade e honestidade, confessa que era muito duro, quase impossível, continuar com aquelas caminhadas bastante cansativas de ida e volta todos os dias.

> «Entre idas e voltas somavam-se 20 quilômetro de estrada por dia».[40]

O peregrino João Bosco encontra, finalmente, uma pensão, pois sua saúde não teria resistido a tanto esforço.

> « Passei então a ser pensionista de um bom homem chamado João Roberto, alfaiate e entusiasta do canto gregoriano e da música vocal».[41]

---

[39] *Memórias do Oratório…, p. 56-57.*
[40] *Ibidem.*
[41] *Ibidem.*

Um adolescente na cidade

João tem dezesseis anos e chega a Chieri, pequena cidade perto de Turim, a fim de estudar. Ele mesmo narra como procura um lugar, certamente com a ajuda da Mamãe Margarida.

> « Depois de tanto tempo perdido, ficou resolvido que eu iria para Chieri, a fim de aplicar-me com seriedade ao estudo. Era o ano de 1830. Para quem foi criado na roça e só conheceu um ou outro povoado do interior, qualquer pequena novidade causa grande impressão. Hospedei-me na casa de uma conterrânea, Lúcia Matta, viúva com um só filho, que se mudara para aquela cidade a fim de assisti-lo e vigiá-lo».[42]

João é educado pela mãe a viver na simplicidade, com grande fé e generosidade. Narrando sua experiência em Chieri, procura não falar de si mesmo, do sacrifício e das incertezas que viveu naquela cidade.

> «João morou por algum tempo com certo Cavalli, que pôs à sua disposição um canto do estábulo para passar a noite, e o obrigou a cuidar de um jumento e dedicar-se a alguns trabalhos num seu vinhedo não muito longe da cidade».[43]

Narrando o próprio êxodo em busca de um lugar para viver, é dramática humanamente falando a situação que João Bosco deve viver, um jovem que decididamente quer chegar ao impossível para estudar e para ser padre. Ele é determinado e flexível; é corajoso e humilde.

---

[42] *Memórias do Oratório…*, p.58-59. Dom Bosco deveria escrever 1831. O ano escolar começava em 1º de novembro, com um tríduo de exercícios espirituais, e se encerrava com a festa de São Luís Gonzaga (21 de junho).

[43] MARCO BAY, *Giovanni Bosco a Chieri - 1831-1841*, Prefazione di S.E. Mons. Carlo Chenis, SDB, Vescovo della Diocesi di Civitavecchia, LAS, Roma 2010, p. 59.

> «Naquele ano, um primo e amigo da família Bosco, do mesmo povoado de Morialdo, José Pianta, decidiu abrir uma casa de cafés e liquores em Chieri. Margarida aproveitou a ocasião e lhe pediu para acolher João em sua casa, e o senhor Pianta propôs ao jovem o ofício de garçom e de responsável pelo café em sua venda».[44]

João Bosco aceita fazer os serviços mais simples e humildes em troca de um lugar para poder dormir e comer.

> «Esse foi um ano em que teve de suportar as maiores privações, até mesmo uma alimentação deficiente. Diz-se que o senhor Ceppi, que lidava com ferro em Chieri, teria insistido com o senhor Pianta para que se apressasse a hospedar João em sua casa. Seja lá como aconteceram as coisas, nós o encontramos na casa do primo, como vigia noturno e respondendo por diversos trabalhos domésticos. Não recebia pagamento, mas tinha o tempo livre para estudar. O primo lhe dava a sopa. A mãe, como de costume, providenciava para ele pão e carne. Um vão apertado acima do pequeno forno, construído para cozinhar doces e ao qual se tinha acesso por uma escadinha, era o lugar destinado para dormir. Mesmo que João não se estirasse por completo sobre a cama, seus pés ficavam de fora do incômodo colchão e até mesmo da abertura do vão" (MB I, 288-289)».[45]

Era verdadeiramente um cantinho muito estreito para dormir. Entretanto, no coração de João Bosco vivia um sonho que contrasta violentamente com a realidade.

A fé desse jovem peregrino o ajuda a interpretar a vida como um longo caminhar. Em seu coração ele abriga o dom maravilhoso e imprescindível para viver: a acolhida, o alojamento, um espaço de hospitalidade!

---

[44] MARCO BAY, *op. cit.*, p. 58.
[45] MARCO BAY, *op. cit.*, p. 59.

Um coração sem limites

Dom Bosco viveu profundamente a experiência do peregrino em busca de um lugar seguro e estável, tanto psicologicamente quanto espiritualmente.

Na prática, ele desenha um amplo mapa do seu caminho de peregrino, indo de um lado para outro em busca da realização do projeto com que Deus o investe.

Enquanto faz essa peregrinação de fé profunda, experimenta duas realidades ligadas entre si: procura um lugar e, quando o encontra, quer fazer dele um lugar de hospitalidade. É um peregrino em busca de um lugar para viver, onde possa cuidar dos seus jovens, onde seja possível aviar um Oratório e realizar o projeto de Deus.

Na experiência pessoal, real, cansativa, do dia a dia, entre viver como peregrino e depois como educador que acolhe, cuida, dá hospitalidade, Dom Bosco vive toda essa realidade a partir da sua fé, da sua interpretação da ação de Deus que encontra na Bíblia, da maneira como alguns personagens bíblicos (Abraão e Moisés) viveram essa realidade.

Um lugar no coração

João Bosco, que viveu complemente a busca da hospitalidade, torna-se ele mesmo doador de hospitalidade. Dessa experiência que ele vive como peregrino em busca de um lugar para viver, estudar, trabalhar e acolher seus jovens; da sua experiência de acolher os jovens pobres que chegam a Turim em busca de trabalho, casa e pão; de seu testemunho de peregrino que procura a Deus para realizar um sonho..., de tudo isso nasce seu verdadeiro *Credo*: amar é oferecer hospitalidade, educar é criar um ambiente de hospitalidade.

A conjuntura histórica em que vivia Dom Bosco era de miséria, pobreza, carestia, desgraças nas famílias, instabilidade econômica e política, migração de jovens do mundo rural em busca de trabalho nas grandes cidades.

Na periferia de Turim, Dom Bosco vive a cansativa experiência de procurar sem parar um lugar seguro para dar hospitalidade aos seus jovens pobres. Ali ele dá vida a uma casa de hospitalidade aberta à acolhida, à confiança, à reciprocidade, ao amor ao dom de si. O ambiente de Valdocco, nos inícios, é pobre de estruturas, mas rico de hospitalidade.

Os primeiros Salesianos que crescem no Oratório de Valdocco vivem uma vida muito simples, trabalhando, tomando conta da casa, recebendo algum apoio e auxílio por parte dos primeiros colaboradores. A hospitalidade é o coração de sua vida. Essa dinâmica de um Dom Bosco peregrino é importante para compreender melhor de que forma ele educa os Salesianos a serem missionários, a sair, a fundar novas casas, a ser peregrinos com os jovens.

Para ele, a hospitalidade não é somente uma ação social caritativa. Pelo contrário, seu modo de acolher revela sua espiritualidade profundamente transformada pela experiência da própria vida, de um jovem em busca de um lugar para viver e estudar. Dom Bosco incorpora profundamente em sua vida e em sua fé a experiência fundadora de ser um peregrino e um hóspede neste mundo. Educar é dar aos jovens pobres, que também são peregrinos na vida, hospitalidade.

Na visão bíblica, a pessoa que busca um lugar para viver é um verdadeiro estrangeiro. O povo de Deus foi um povo estrangeiro. Os jovens de Dom Bosco também eram "estrangeiros".

Por trás da condição de hóspede há uma imensa realidade existencial: sentir-se estrangeiro, isto é, ter que aprender a conhecer novas pessoas, novo lugar, novas condições de vida, adaptar-se às novas exigências das normas do novo lugar, renunciar a algumas coisas pessoais e, particularmente, saber deixar as coisas correr, sentir que a vida é frágil, que dependemos dos outros...

QUINTA PARTE

A voz inquietadora dos jovens

A gênese da experiência de Dom Bosco como educador praticamente nasce desta grande verdade: quem é o outro para ele? O que significa a pessoa de um jovem pobre que o olha nos olhos? Uma interrogação que busca um sentido, que interpreta a realidade a partir da fé e da visão de Deus.

Quem e o que é um hóspede?

O hóspede é essencialmente um estrangeiro, aquele que vem de fora.[46]

A gênese da hospitalidade bíblica se encontra na história do povo de Deus, que deixa sua terra para entrar numa terra nova; portanto, a condição do homem na Bíblia é a condição de estrangeiro. «*O estrangeiro na Bíblia é sobretudo uma figura antropológica*».[47]

Na Bíblia, o estrangeiro é o órfão, a viúva, o faminto, aquele que nada tem para vestir, o enfermo, o prisioneiro.[48]

O outro, na sua fraqueza, no seu silêncio, no seu nada, no seu empobrecimento e na sua necessidade, me interroga profundamente. «*Por isso, a voz mais inquietadora é a da vítima, em quem seu silêncio continua a interrogar para além de sua própria existência*».[49]

No sonho dos nove anos, João Bosco se confronta quase de forma violenta com a realidade gritante do outro: há os jovens que brigam, que gritam palavrões, mas também que se transformam de lobos em cordeiros.

Tocado profundamente pela realidade do outro, toda a vida de Dom Bosco se torna uma busca do humano. Ele é um apaixonado pela pessoa, pelo significado profundo do viver, do amor e do ser feliz.

---

[46] CARMINE DI SANTE, *Lo straniero nella Bibbia. Saggio sull'ospi- talità,* Editrice Città Aperta, Enna 2002.

[47] CARMINE DI SANTE, «Teologia biblica dell'Ospitalità. Statuto epistemologico ed etico», in MARCO DAL CORSO (a cura di), *Teologia dell'Ospitalità,* Queriniana, Brescia 2019, p. 40.

[48] Cf. *Mt* 25,31-46.

[49] CARMINE DI SANTE, «Teologia biblica», op. cit., p. 41.

Medo, jamais!

Esse encontro com a realidade, que leva Dom Bosco a se interrogar a respeito do humano, já começa desde criança em sua casa. Joãozinho vive ali a dura realidade da perda do pai, as dificuldades com o irmão mais velho, a necessidade de sair de casa para estudar.

Em sua comovente narração das *Memórias do Oratório* a respeito do impacto emotivo e social vivido por ele por ocasião da morte do pai, podemos colher sua capacidade de se situar no papel desempenhado por sua mãe.

> «[Ele] faleceu na bela idade de 34 anos, no dia 12 de maio de 1817. Não sei o que aconteceu comigo em tão triste circunstância. Lembro apenas, e é o primeiro fato de minha vida que guardo na memória, que todos saíam do quarto do falecido e eu queria ficar lá a todo o custo. "Vem, João, vem comigo", insistia minha aflita mãe. "Se papai não vem, eu também não vou", retorqui. "Pobre filho, continuou mamãe, vem comigo, já não tens pai"».[50]

Dom Bosco fala de seu choro desconsolado e das lágrimas de sua mãe. Filho e mãe intimamente unidos numa empatia amorosa e fiel.

> «Ditas essas palavras, prorrompeu em soluços, tomou-me pela mão e levou-me para fora, ao passo que eu chorava porque a via chorar. Naquela idade não podia evidentemente compreender a grande desgraça que é a perda de um pai».[51]

Dom Bosco vive a experiência da fragilidade humana e da vida: a morte de um pai ainda joven, a dura realidade da perda de uma referência afetiva para com a mãe e com os filhos, a dificuldade de

---

[50] *Memórias do Oratório…*, p. 29.
[51] *Memórias do Oratório…*, p. 29-30.

uma família que de agora em diante deve tocar a própria vida sem um chefe de família.

Dura experiência da perda!

> «O acontecimento deixou a família profundamente consternada. Deviam-se manter cinco pessoas; as colheitas do ano, nosso único recurso, falharam por causa de terrível seca; os comestíveis chegaram a preços fabulosos».[52]

Toca então à mãe assumir a direção da família. Mamãe Margarida, mulher de grande fé, de espírito de trabalho, de sacrifício e de aguda sensibilidade humana, abraça a nova realidade de viúva com ternura e determinação.

Joãozinho absorve de Mamãe Margarida a sensibilidade para com tudo o que é humano. Dela aprende a se colocar no lugar dos outros. Não era difícil compreender o que podia significar para uma mãe viúva assumir o cuidado de todos os filhos, sem esquecer a maneira de administrar a dimensão emocional e material da vida.

Tanto nos semblantes dos jovens abandonados e assustados do sonho dos 9 anos, quanto na realidade da vida de família, bem como na sua própria experiência de órfão, Dom Bosco aprende a importância fundamental de não ter medo, mas de procurar olhar sem temor para o semblante e a fragilidade do outro.

Sobre esse tema, Carmine di Sante, inspirando-se em Emmanuel Lévinas, diz que é "*o outro que desafia o eu com sua nudez e sua necessidade*».[53] Isto significa que a pobreza do outro me interpela profundamente.

Usando linguagem bíblica, deve-se dizer que o outro que me interpela é mensagem de Deus para mim. Continuando, di Sante sublinha:

> «Nessa evidente nudez, [ele] interpreta o lugar originário do Absoluto e os sinais indeléveis de sua presença».[54]

---

[52] *Ibidem*.

[53] Para o sentido geral do texo, veja CARMINE DI SANTE, «Teologia biblica», *op. cit.*, p. 37-38.

[54] *Ibidem*.

No amadurecimento do homem peregrino em busca de hospitalidade, Dom Bosco desenvolve uma grande atitude espiritual em busca do outro, do fraco, do pobre e do abandonado.

O encontro de Dom Bosco om o pobre e frágil Bartolomeu Garelli é um verdadeiro arquétipo de sua pedagogia. Nesse encontro, considerado como início do Oratório Salesiano, encontramos a grandeza do Santo dos jovens que reconhece no pequeno Bartolomeu Garelli o ser humano, em seu semblante o semblante de Deus, em sua presença um peregrino em busca de casa e pão, em sua resposta a voz de Deus. Em Bartolomeu Garelli, Dom Bosco encontra a si mesmo, recorda sua vida de órfão, revive seu caminho de peregrino em busca de hospitalidade.

> «Dom Bosco começou a interrogá-lo assim:
> – Meu bom amigo, como te chamas?
> – Bartolomeu Garelli.
> – De onde és?
> – De Asti.
> – Tens pai?
> – Não, meu pai morreu.
> – E tua mãe?
> – Morreu também.
> – Quantos anos tens?
> – Dezesseis.
> – Sabes ler e escrever?
> – Não sei nada.
> – Já fizeste a primeira comunhão?
> – Ainda não».[55]

Esse encontro revela a dinâmica espiritual de Dom Bosco peregrino: no outro, ele encontra a si mesmo: Bartolomeu é o eco do amor do seu coração de pai. Ele vê Deus no outro! Entra na dinâmica espiritual em que transforma o seu "eu", o seu "ser", no seu "ser para o outro".

---

[55] *Memórias do Oratório…*, p.137.

No seu caminho espiritual, vivendo e amando os mais pobres, Dom Bosco se dedica intensamente ao outro. Dia e noite encontramos um Dom Bosco que busca intensa e apaixonadamente o outro.

Para Dom Bosco, educar é tomar conta do outro, de cada jovem, especialmente do mais pobre, porque Deus habita no ser humano!

O cuidado de um pai que ama

Dom Bosco defende com todas as suas forças a dignidade dos seus jovens pobres.

O fato de ter vivido na própria carne a fragilidade da vida, aquilo que significa ser hóspede, leva-o a integrar profundamente em seu ser e em sua espiritualidade o cuidado para com os outros. O jovem pobre é um hóspede neste mundo. Para Dom Bosco, essa ética é fundamental.

Seus escritos refletem a profunda convicção de um educador que vê Deus nos jovens pobres. Por isso ele dizia com grande convicção: «*Basta que sejam jovens para que eu os ame*».

A hospitalidade de Dom Bosco é integral: é cuidado da pessoa em sua totalidade. Para ele, cada jovem deve ser amado porque é filho de Deus e deve ser feliz.

Chamado por Deus para educar os jovens pobres, ele caminha com eles em busca de um lugar seguro. Ele se oferece e se entrega aos jovens porque são a verdadeira imagem de Deus.

Um povo ferido

Diante da realidade de uma grande perda, da busca de um lugar para viver, a pessoa humana é livre para fazer suas opções: enfrentar tudo para encontrar o próprio lugar no mundo ou abandonar a realidade e fugir dela.

Na Bíblia, Deus – mediante a hospitalidade – educa seu povo a experimentar a dimensão humana de forma autentica e realista.

> «Se Deus se revela a Israel e o escolhe como povo, é para mostrar a esse povo – e por meio desse povo à humanidade – o humano como humano hospitaleiro».[56]

Sobre essa base, a antropologia bíblica é construída com base na figura do ser humano hospedado e acolhido.

Para a Bíblia, responsabilidade é cuidar do outro que se acolheu: todo outro que, ao cruzar nosso caminho, pede solidariedade e proximidade.

No Novo Testamento temos diversas parábolas de Jesus que mostram como deve ser o humano hospitaleiro.

A parábola do Bom Samaritano,[57] por exemplo, exprime a importância categórica de tomar conta do outro com compaixão e dignidade porque, no homem assaltado, ferido e abandonado habita a presença de Deus.

O Bom Samaritano encontrou a si mesmo no outro; viveu o amor de Deus na proximidade e na solidariedade sem limites.

O humano frágil, o semblante do jovem pobre e abandonado, a pessoa que está com fome e busca um lugar para viver..., em tudo isso Dom Bosco vai vendo a realização concreta do sonho dos 9 anos e vai descobrindo o significado da segunda parte do sonho realizado diversos anos depois. De fato, ele está em busca da realização da sua missão que encontra significado no cuidado do outro.

De acordo com o exemplo de Jesus Bom Pastor,[58] que cuida de suas ovelhas com amor e compaixão, Dom Bosco é sensível à situação dos jovens do seu tempo, procura o jovem, contempla seu semblante, sente as palpitações de seu coração, busca para ele uma realização e um lugar onde possa viver...

Dom Bosco é uma pessoa que sabe ler a realidade que o rodeia, com grande capacidade crítica e visão de futuro. Por isso, ele observa o contexto sociológico, cultural e político em que os jovens vivem. Analisando o que Dom Bosco realizou, vê-se como ele sabe desenvolver uma análise atenta dos dados demográficos juvenis. Sabe

---

[56] CARMINE DI SANTE. *Teologia dell'Ospitalità, op. cit.*, p. 45.
[57] Cf. *Lc* 10,25-37.
[58] Cf. *Jo* 10,1-21.

fazer uma diagnose coerente das suas condições de vida e interpreta essa realidade com um olhar de fé numa mais ampla visão cristã.

Ele mergulha em profundidade porque, como sacerdote, a partir de um horizonte de fé em Deus, possui uma visão evangélica muito clara do valor da vida, da pessoa humana, da força dos seus talentos, da importância de promover o protagonismo dos jovens.

Atento à realidade dos jovens pobres de Turim, procura um espaço para acolhê-los e educá-los, um lugar que lhes permita dormir, comer, brincar, rezar, cantar e aprender uma profissão.

> «Dom Bosco viveu uma típica experiência pastoral no seu primeiro Oratório, que foi para os jovens casa que acolhe, paróquia que evangeliza, escola que encaminha para a vida, e pátio para se encontrarem como amigos e viverem com alegria».[59]

Una porta sempre aperta

A base bíblica da hospitalidade tem como ponto de partida a consciência de que o povo de Deus não possui terra, não tem um lugar para viver. Trata-se, portanto, de uma abordagem bíblica antropológica: o ser humano – como hóspede humano – situa-se em posição de solidariedade para com os outros.

Essa é a condição fundamental: sentir-se hóspede nos abre à procura e ao significado do outro em nossa vida. Encontranto a nós mesmos e a Deus, encontramos o outro. Esse caminho de saída de si mesmo em direção ao outro constitui um percurso espiritual importante.

Deus se revela e promete uma terra. Ao dar a terra a seu povo, Deus o educa a viver numa recíproca fraternidade. Antes de tudo, Deus lhe assegura categoricamente três coisas: que ama seu povo, que lhe garante a terra prometida e que essa terra sempre pertence a Deus. Viver a hospitalidade, portanto, é definir a identidade da pessoa que crê em Deus, que sabe que tudo isso que possui é dom de Deus e, precisamente por isso pertence a Ele.

---

[59] *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales,* art. 40.

> «Mas, se minha própria identidade é hospitalidade, decorre, então, que minha própria identidade individual, original e irrepetível, é um fato ético: eu não sou o que sou, um dado qualquer, mas sou o que estou disposto a me tornar na complexa relação com o outro, cuja hospitalidade é vestígio. A nossa identidade não é um fato qualquer, é uma tarefa moral. Viver não é um acontecimento casual, é responder a um apelo, é precisamente abrir a porta ao hóspede, deixar-se inquietar pela tensão entre direito e justiça, e encontrar também na acolhida do hóspede o sentido de bênção da nossa vida».[60]

Na pedagogia de Deus que dialoga com seu povo, quem deve sair e caminhar é aquele que aprende a ser hóspede na terra que Deus lhe dá; quem a habita, portanto, é "estrangeiro".

A experiência de viver a fé como povo de Deus é sempre dinâmica, criativa, aberta e livre. Ser estrangeiro não significa não pertencer. Pelo contrárfio, significa ser totalmente de Deus, porque Deus é guia, ama, se preocupa, caminha conosco.

Pondo sempre Deus no centro de todo nosso ser, o significado de hóspede – que não possui coisas materiais – vê sua pertença como um dom.

Como sabemos pela Bíblia, a idolatria foi a grande tentação do povo de Deus. A idolatria do eu leva a uma atitude de egoísmo, de individualismo e de indiferença para com os outros. É uma maneira de viver que pode destruir o sentido da comunidade, de ser povo de Deus, de fidelidade à sua palavra. O homem idólatra busca o poder e o domínio: é individualista, sua terra é somente sua, tem medo da vida como peregrinação e se fecha ao dom da hospitalidade. O antídoto da idolatria é a hospitalidade!

Ligado ao egocentrismo, o povo corria o perigo de buscar outros deuses, viver na idolatria e abandonar o verdadeiro Deus Javé.

Entre os diversos tipos de idolatria, há sempre o poder, o dinheiro e o relativismo ético. A pedagogia de Deus propõe um percurso totalmente diferente: viver como hóspede requer grande

---

[60] PLACIDO SGROI, «Per un'etica come ospitalità», in MARCO DEL CORSO, *Teologia dell'Ospitalità,* Queriniana, Brescia 2019, p. 84.

liberdade interior, a obediência a Deus e a fidelidade a seu chamado porque somente ele é a verdade.

Desde esse ângulo, Valdocco é a casa do humano que ama.

Na experiência educativa de Valdocco, Dom Bosco tem a ver com o humano: para ele, cada jovem é um coração que ama e que quer ser amado; cada menino busca um pai que possa tomar conta dele.

Valdocco se torna a cada da hospitalidade e da caridade; casa de acolhida, onde os jovens encontram comida, amizade, Deus e um motivo para viver.

Somos todos hóspedes neste mundo.

Orientados por uma perspectiva bíblica,[61] podemos dizer que o povo de Deus viveu uma peregrinação numa contínua busca de um lugar estável. Durante o caminho, Deus adota o povo como propriedade sua, revela-se, ama e acompanha seu povo ao longo do caminho. Nesse processo de estar sempre a caminho, evidencia-se um aspecto fundamental da maneira como o povo de Deus vive sua espiritualidade: o povo faz experiência da hospitalidade. É o próprio Deus que educa seu povo a viver uma vida de fé numa contínua experiência de abertura ao próximo, como uma verdadeira e autêntica educação do coração.

Em primeiro lugar, Deus dá a seu povo uma terra onde possa viver, crescer e se multiplicar. Mas há uma condição: a terra pertence a Deus, não pertence ao povo. Nesse ponto, emerge claramente uma exigência que todo o povo de Deus deve acolher. Uma exigência que

---

[61] Os cinco livros do Deuteronômio narram na prática o fundamento da hospitalidade. Criando Adão e Eva e colocando-os no jardim do Éden, Deus revela seu amor de Criador, oferece-lhes a liberdade para crescer e se multiplicar, para conhecer a lei do bem e do mal e para saber que sua condição é a de hóspedes. A hospitalidade, de fato, começa com a história da Criação. Essa dinâmica continua sucessivamente nos outros quatro livros do Deuteronômio. Deus educa seu povo a viver profundamente como hóspede em sua terra. É nessa realidade que o povo de Deus é amado e experimenta Deus que se revela. Esses textos «são narrações unitárias e coerentes que comparecem nos cinco livros da Bíblia (Pentateuco). É uma narração intuitiva do humano como humano que hospeda». CARMINE DI SANTE, «Teologia Biblica», *op. cit.*, p. 44.

toca a condição humana e o modo com que as pessoas se relacionam consigo mesmas, com os outros e com a terra.

Isso vale para todos os tempos e para cada ser humano: se a terra não é nossa, nós todos somos hóspedes desse universo. Este é o ponto de partida da hospitalidade. Deus cria uma aliança eterna de amor, é fiel e nos dá tudo, mas a terra não é nossa: nós somos "hóspedes".

A fraternidade humana nasce dessa atitude: a vida é dom. O universo com todas as coisas criadas por Deus é dom. A gratuidade é a expressão da liberdade de ser e compartilha os dons porque tudo é de Deus.

Toda pessoa é sagrada

Biblicamente falando, Deus dá a terra a seu povo, mas a terra é de Deus, não do povo! Isso significa que Deus é o Senhor de tudo e que seus filhos e filhas são chamados a viver sobre a terra com grande sentido de gratidão, liberdade, fraternidade e solidariedade para com os outros.

Este é o fundamento da caridade para com os outros: somos todos irmãos e irmãs, criados por Deus para viver neste mundo; mas não devemos sentir-nos proprietátios das coisas, porque elas são todas dom de Deus e tudo Lhe pertence.

Nos escritos espirituais de Dom Bosco, em seus ensinamentos, nas próprias Constituições dos Salesianos, ele insiste sempre no fato de que a Congregação Salesiana é um dom de Deus aos jovens.

Tudo o que somos e temos é iniciativa de Deus.

> «Com sentimento de humilde gratidão cremos que a Sociedade de São Francisco de Sales não nasceu de simples projeto humano, mas por iniciativa de Deus. Para colaborar na salvação da juventude, "a porção mais delicada e preciosa da sociedade humana", o Espírito Santo, com a maternal intervenção de Maria, suscitou São João Bosco».[62]

---

[62] *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales,* art. 1º.

Para Dom Bosco, a vida é um dom e devemos colocá-la a serviço dos outros neste mundo, como ele dizia: «O Senhor nos colocou no mundo para os outros».

Por trás dessa visão há uma atitude de fé pratica e convicta: somos passageiros neste mundo. Viemos para cá para uma missão. Tudo pertence a Deus.

Na espiritualidade de Dom Bosco, essa verdade é muito clara:

> «Ele nos ama, cuida de nós, nos chama e nos acompanha neste mundo para cumprir uma missão e nos aguarda na eternidade».[63]

Nós, suas criaturas, somos "hóspedes" neste mundo. Quem tiver profunda consciência dessa realidade, aprende a amar e acolher.

Colaboradores da Criação

Dom Bosco desenvolveu uma espiritualidade cuja centralidade é muito clara: Deus cuida, acompanha, vê, acolhe e ama.

Em todos os seus escritos há um princípio fundante: neste mundo estamos de passagem para realizar uma missão; depois desta peregrinação chegaremos ao paraíso. Essa é uma grande convicção, impressa em tudo o que vive e ensina o Santo: a vida é transitória, estamos aqui só de passagem. Por isso, é importante viver bem, na alegria e colocar-se a serviço dos outros.

Com frequência Dom Bosco falava da abnegação, da simplicidade, da pobreza, da fragilidade da vida. Essa condição existencial nos coloca de frente para a fragilidade e a caducidade da vida. Reconhecer-nos hóspedes neste mundo significa viver com grande desapego de nós mesmos e dos outros.

---

[63] Os ensinamentos de vida espiritual de Dom Bosco estão profundamente fundados na espiritualidade bíblica, na doutrina e na tradição da Igreja. Cf. SÃO JOÃO BOSCO, *Ensinamentos de vida espiritual. Uma antologia*. Introdução e notas por Aldo Giraudo, Editora Dom Bosco, São Paulo 2014.

Um elemento que emerge da visão de ser hóspedes perante Deus é nosso modo de ver e de relacionar-nos com os outros. Se somos hóspedes, se não somos donos da terra, também o outro é hóspede e se encontra na minha idêntica condição. Não sou superior ao outro por aquilo que eu tenho, dado que não é totalmente meu.

Tudo pertence a Deus: o dom da vida, a família, a terra, a natureza, os bens materiais, as conquistas, tudo é dom de Deus e tudo pertence a Ele.

Esse modo de ver desperta em nós uma atitude de humildade e de igualdade em relação aos demais. Há uma urgência de acolher os outros: os pobres, os migrantes, os enfermos, os necessitados, porque eles e eu somos um.

Essa atitude é um ponto de partida para uma ética social de abertura e de compromisso para com o outro.

«Há um lugar também para ti!»

No Novo Testamento, essa dinâmica retorna porque a pessoa é sempre a mesma em sua psicodinâmica.

Jesus, em sua pregação, exorta as pessoas a deixar as idolatrias do poder, do dinheiro, do relativismo ético e do egocentrismo para viver como fiéis a Deus de todo coração. As Bem-aventuranças são verdadeiro e autêntico antídoto contra o individualismo e o egoísmo.

Jesus aplica a pedagogia de Deus de forma muito original: somos todos peregrinos neste mundo. Dessa visão nasce uma ética da liberdade da pessoa. A parábola do Bom Samaritano é um arquéticpo dessa visão de Deus que se revela no outro, no mais fraco, no estrangeiro.

Jesus, consciente de que tudo pertence a Deus, fala da simplicidade da vida.

> «Olhai os pássaros do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros. No entanto, vosso Pai celeste os alimenta. Será que vós não valeis mais do que eles. Quem de vós pode, com sua preocupação, acrescentar alguma coisa à duração de sua vida? E por que ficar preocupados quanto ao vestuário? Aprendei dos lírios do campo, como

> crescem. Não trabalham, nem fiam, e, no entanto, eu vos digo, nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um só dentre eles».[64]

«A verdade vos fará livres»,[65] disse a Jesus. E a verdade passa por Ele, pela promessa do Pai, porque Deus revela sua Sabedoria aos simples, aos humildes e aos pobres.

Em sua pedagogia, Deus é sempre amoroso e concreto. A vida de fé deve ser prática, autêntico testemunho. Por isso, a visão da hospitalidade é uma verdadeira síntese da vida de quem crê em Deus.

A hospitalidade exprime a verdadeira fé, a liberdade de viver neste mundo sem se apegar às coisas deste mundo, de praticar a espiritualidade da acolhida, do compartilhamento fraterno, do cuidado dos que sofrem, de viver a vida diária como dom e gratuidade. Isso, evidentemente, exige um empenho concreto, uma mudança de mentalidade, um contínuo colocar-se a serviço do outro.

A identidade é um verdadeiro exercício de vida cristã. É um modo de ser que sempre se encontra no outro, no irmão. A fraternidade se torna, desde esse ponto de vista, uma consequência natural do crer em Deus. Isso não significa absolutamente que a pessoa perca sua singularidade, sua subjetividade, sua autonomia.

A experiência de fé em Deus enriquece todos esses aspectos porque são vividos no encontro com o outro. O elemento que define concretamente minha vida de fé é minha experiência de caridade e de comunhão com os outros. Não posso aprender e desenvolver minha vida de fé sem a presença do outro.

O outro, assim, se torna o meu ser em Deus.

> «Somos hóspedes (host) porque somente a relação com o outro nos liberta da prisão de uma identidade fechada e anônima e nos restitui nossa insubstituível unicidade, cujo nome é responsabilidade. Nossa originalidade, nossa individualidade irredutível, não nasce de um ato de autoidentificação, mas do fato de que me é atribuída uma responsabilidade insubstituível em relação ao outro».[66]

---

[64] *Mt* 6,26-29.
[65] *Jo* 8,32.
[66] PLACIDO SGROI, «Per un'etica come Ospitalità», *op. cit.*, p. 82.

Como consequência dessas considerações avulta claramente a importância e a responsabilidade do ser humano, do cristão, que se revela na complementação humana de duas metades que se mantêm juntas e em equilíbrio: caridade e hospitalidade, resultando uma concepção do mundo ao mesmo tempo conforme à realidade e à espiritualidade.

SEXTA PARTE

Uma hospitalidade evangélica e educativa

A hospitalidade de Dom Bosco se manifesta em tomar conta dos outros, em acolher um jovem órfão e em cuidar dele, a fim de que possa desenvolver-se como pessoa, amada por Deus, com a missão de responder ao projeto de Deus em sua vida.

Para Dom Bosco, cuidar do corpo e da alma de um jovem estrangeiro e pobre é uma tarefa que toca o coração, isto é, o amor e a responsabilidade para com o outro.

A hospitalidade para Dom Bosco consiste na responsabilidade e no empenho em providenciar para os jovens os meios e os recursos necessários para construir um lugar para acolhê-los, dar-lhes comida, onde dormir, um espaço para jogar e divertir-se, livros para estudar, um mestre para ensinar-lhes um ofício.

A hospitalidade se manifesta na responsabilidade social de criar um ambiente educativo, no qual os bons cristãos e os colaboradores se envolvem com a educação humana, cristã e profissional dos jovens.

A hospitalidade se traduz em preparar os jovens acolhidos entre os próprios muros a ler, escrever, aprender um ofício, entrar para a sociedade e encontrar um trabalho para sustentar a própria vida.

Para Dom Bosco, a hospitalidade acontece também ao criar um clima de alegria, onde os educadores são amigos dos jovens, o relacionamento se realiza com confiança e familiaridade, onde os jovens aprendem a tocar instrumentos musicais, a cantar, a viver a liturgia na sua beleza e na sua grandeza espiritual.

Educar é acolher o outro com fraternidade e alegria

Hospitalidade salesiana! Em qualquer lugar que encontrarmos esta icônica inscrição "Acolhida/Hospitalidade", em sua terminologia direta, ela sintetiza a essência da caridade educativa de Dom Bosco.

Partindo da experiência pessoal de peregrino e de criador do ambiente, da hospitalidade educativa, Dom Bosco, de modo genial, cria a amizade social como base do seu sistema educativo e a

consciência de que cada um de nós é dom de Deus, único, não cópia de outro.

Somente por meio da relação é que a pessoa se desenvolve e aprende a viver em comunidade fraterna. Desse elemento fundamental brota o grande sentido de pôr a vida a serviço do outro.

> «*Eu por vós estudo, por vós trabalho, por vós vivo, por vós estou disposto a dar a vida*».[67]

Em nível psicológico e espiritual, podemos afirmar que Dom Bosco, apesar de seu temperamento forte, se "esvaziava" para permitir que o outro se tornasse parte dele. A hospitalidade para Dom Bosco é a base do amor fraterno, da entrega ao outro, do doar-se. Seu amor não conhece limites. Vários estudos procuraram evidenciar esse amor incondicionado pelos jovens, o sentido pleno de acolhida da diversidade e a ausência de julgamento prévio em relação às pessoas com quem ele se encontrava. A alegria verdadeira nasce da experiencia de ser para os outros.

No Oratório, embora houvesse a presença de muitíssimos jovens, de idade, proveniencia e índole diversa, ele sabia como amar a cada um de tal modo que cada qual se sentisse como o preferido.

Num círculo imaginário, ele sabia colher no outro o *pathos* inteligível da alma. Cada um deles representava a página de um livro diferente, porque cada ser humano é uma realidade que deve ser acolhida.

Dom Bosco crê e ama. Ama e crê. Isso lhe confere a capacidade de integrar de forma natural a graça de unir o que é profundamente humano ao profundamente santo.

---

[67] DON RUFFINO, *Cronaca dell'Oratorio*, ASC 110, Quaderno 5, p. 10.

«Dom Bosco nos amava de maneira única»

Um dos testemunhos mais vívidos e fortes a respeito de como Dom Bosco amava é o do P. Paulo Albera, seu segundo sucessor. Numa de suas cartas circulares ao Salesianos, ele descreve como percebia o amor de Dom Bosco:

> «Dom Bosco nos amava de maneira única, tipicamente sua: sentia-se um fascínio irrestivível por ele, fascínio que as palavras não podem exprimir ou fazer compreender a quem não teve a felicidade de experimentá-lo».[68]

O P. Albera continua afirmando:

> «Seu amor atraiu, conquistou e transformou os nossos corações. Ele nos atraiu a si com a plenitude do amor sobrenatural que ardia em seu coração e que, com suas chamas, absorveu e unificou as pequenas cintilas do nosso amor suscitado em nossos corações pela mão de Deus».[69]

A hospitalidade vivida por Dom Bosco é profundamente assinalada por um grande amor, o amor de um pai, o amor de um amigo, o amor que gasta a própria vida em favor dos outros.

Quando Dom Bosco, jovem sacerdote, adoeceu gravemente, seus jovens começam uma verdadeira e autêntica novena de orações e sacrifícios pessoais para implorar sua cura. Constatamos nesse momento a grande expressão do amor que cura, da fidelidade amorosa dos jovens para com Dom Bosco.

Dom Bosco fascinava seus jovens, jogava e cantava com eles, acompanhava-os na formação, rezava com eles e criava em torno deles um espírito de família. Por consequência, os jovens só podiam sentir-se tocados por esse modo de ser: um sacerdote que se coloca totalmente a seu serviço e que se diverte estando com eles.

---

[68] PAOLO ALBERA, *Lettere Circolari di D. Paolo Albera ai Salesiani*, SEI, Torino 1922, p. 341.

[69] *Ibi, p. 342.*

O amor é a lareira da casa

Na experiência de hospitalidade que Dom Bosco faz com seus jovens, o amor é o lar que acolhe, o pão partilhado, um espaço para morar em seu coração. Porque a hospitalidade de Dom Bosco não consiste somente em acolher os jovens num lugar onde possam dormir e comer.

É tudo isso, mas é muito mais: é hospitalidade do afeto de um pai, da acolhida amorosa, do gesto de quem é fiel e que estabelece a morada da Divina Providência no universo que se desvela.

A maneira de amar de Dom Bosco define sua capacidade de criar uma atmosfera de hospitalidade, de preparar um terreno melhor. Cria laços com seus jovens e abre-lhes um horizonte de possibilidades e de crescimento para se tornarem pessoas cristãs a serviço dos outros na sociedade.

Como um bom pastor que ama e dá sua vida pelos seus jovens

A imagem do Bom Pastor,[70] que é associada a Dom Bosco como Pai e Mestre dos jovens, exprime a verdadeira ágape do amor do Santo pelos seus jovens.

O Salmo 23 diz que «*o pastor prepara a mesa*...».[71] Esse rito de acolhida manifesta o amor que se doa, que torna o outro feliz em Deus.

Partindo de sua experiência espiritual, Dom Bosco em Valdocco cria uma verdadeira e autêntica escola de hospitalidade, de amor operante. Inspirado e guiado por essa visão da acolhida dos jovens na casa salesiana, ele desenvolve nos seus escritos essa visão evangélica do peregrino em busca de Deus, do hóspede que cria um ambiente para acolher e amar.

---

[70] Cf. *Jo* 10,11-18.
[71] *Sl* 23 (22), 8.

A pedagogia salesiana se identifica com toda sua ação e sua ação com sua personalidade; a interioridade de Dom Bosco se concentra definitivamente em seu coração.

«A educação é coisa do coração». Coração que ama e acolhe como Deus acolhe.

Valdocco, uma casa hospitaleira

Dom Bosco educa os seus Salesianos e os jovens a viver à escola da hospitalidade evangélica. Cada jovem sonha e tem o direito a uma casa, uma escola, uma instrução, a aprender um ofício, independentemente da própria situação social.

Para Dom Bosco, viver o Evangelho acolhendo, hospedando, criando um lugar e um ambiente para os jovens é a grande mensagem que ele transmite. Dom Bosco está firmemente convencido de que todos os jovens, sobretudo os mais pobres, têm necessidade de hospitalidade, porque ela é universal e evangélica. Os primeiros missionários salesianos que partiam para a América estavam profundamente imbuídos dessa visão. O carisma salesiano é o verdadeiro alicerce na acolhida, na criação de um centro juvenil, onde a essência da escuta se torna um modelo de ensino.

Valdocco é a casa mãe da acolhida. Nessa casa nasceu o carisma salesiano, dom de Deus para a Igreja, dom de Deus para os jovens.

Valdocco é a fonte do carisma e a nossa opção, hoje e sempre.

Para nós, ter um profundo desejo de crescimento da nossa identidade carismática significa voltar às raízes do espírito salesiano, às nossas fontes salesianas, à opção Valdocco[72], às nossas origens.

De Valdocco, fonte carismática de um sonho, de uma experiência, de uma doação, caminhamos com os jovens e com os tempos, rumo à eternidade. Valdocco é a casa do sonho: o sonho que faz sonhar,[73] hoje e amanhã.

---

[72] PASCUAL CHÁVEZ VILLANUEVA, *Il Carisma Salesiano,* Rassegna CNOS, Settembre-Dicembre 2022, pag. 39.

[73] ÁNGEL FERNÁNDEZ ARTIME, *Strenna 2024. «Il sogno che fa so- gnare» Un cuore che trasforma i "lupi" in "agnelli"*, Valdocco, 2023.

Dom Bosco contemplou a glória de Deus e nos ensinou que estamos neste mundo para servir aos outros.

Estamos neste mundo como hóspedes, em peregrinação rumo a outro lugar, o céu, onde Deus é Pai e nos acolhe porque somos hóspedes em sua Casa Eterna.

SÉTIMA PARTE

O sol batendo nos olhos

Dom Bosco crê que tudo foi criado por Deus e que nós somos suas criaturas, portanto, nada é nosso. Somos hóspedes de Deus sobre esta terra e neste mundo.

Ele está profundamente convencido de que Deus ama cada jovem e que cada qual é chamado a responder generosamente a este seu dom, para se desenvolver como pessoa livre em Deus e ser feliz.

A gratuidade é dom de Deus e por isso é preciso viver com alegria, respondendo a esse dom: fazer o próprio dever, trabalhar, viver na alegria.

Para Dom Bosco, a vida é transitória e passa rapidamente; nós estamos neste mundo para uma missão: devemos empenhar todo o nosso coração e toda a nossa vida em prol das coisas de Deus, porque tudo é transitório: lugares, pessoas, bens humanos e materiais; só Deus permanece.

Fazer tudo para a glória de Deus!

Dom Bosco usava com frequência essa expressão: «*Fazer tudo para a glória de Deus*».

Na grande visão de construção da bsasílica de Maria Auxiliadora, sua convicção de que a basílica seria para a glória de Deus era o fruto de um imaginário muito forte.

Quando se fala de espiritualidade de Dom Bosco, muitos estudiosos do Santo dos jovens procuram manter um estreito liame entre o profundamente humano e o profundamento santo. O conhecimento autêntico de sua santidade conduz diretamente ao coração.

Ele viveu sua espiritualidade na vida diária, valendo-se de orações simples e populares, experimentando o valor da alegria como expressão de santidade.

Uma descrição muito realista da santidade de Dom Bosco foi feita por D. Carlos Chenis:

> «Dom Bosco praticou o "martírio da ferialidade", construindo a própria santidade, etapa por etapa, entre muitas adversidades humanas e abundantes auxílios sobrenaturais. Santidade que não foi improvisada, mas construída dia a dia com constância camponesa. Nem o martírio de sangue se improvisa. É somente o êxito de um martírio já celebrado com a própria existência na caridade para com Deus e para com o próximo».[74]

Dom Bosco, como peregrino de Deus, viveu concretamente o que Jesus ensinou quanto ao critério para a salvação de um crente:

> «Pois eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber; eu era forasteiro, e me recebestes em casa; estava nu, e me vestistes; doente e cuidastes de mim; na prisão, e viestes a mim».[75]

Sua espiritualidade foi amorosa, acolhedora e concreta!

A santidade de Dom Bosco

Há diversos estudos sobre a santidade de Dom Bosco.[76] Não é o caso de entrarmos aqui em questões teológicas e canônicas sobre a santidade de Dom Bosco, mas gostaria de sublinhar alguns aspectos importantes da santidade à luz do que refletimos nestas páginas.

Dom Bosco, peregrino, na sua busca de Deus e da sua glória, faz a experiência humana e espiritual de ser hóspede e depois dá início a uma Congregação para hospedar os jovens de forma plena.

Falamos da santidade de Dom Bosco, considerando sua experiência de criança que carrega um sonho no coração, estuda, vive, sofre e ama para realizá-lo; sua contínua busca, como peregrino da terra prometida de Valdocco; a criação de uma espiritualidade da

---

[74] MARCO BAY, *Giovanni Bosco a Chieri, op. cit,* pag. 7.

[75] *Mt* 25,35-36.

[76] Como exemplo recordamos: ANDREA BOZZOLO. *La Santità di Don Bosco: ermeneutica teologica delle deposizioni nei processi di beatificazione e canonizzazione,* LAS, Roma 2015; TERESIO BOSCO, *Don Bosco visto da vicino,* Elledici, Leumann-Torino 1996.

acolhida e da hospitalidade para seus jovens pobres; sua santidade vivida e testemunhada.

Sendo assim, aqui falamos da santidade de Dom Bosco a partir de sua fé em Deus, como peregrino, hóspede e santo, que fez da sua hospitalidade para com os mais pobres a expressão mais significativa de sua santidade.

Dom Bosco viveu sua espiritualidade com um grande sentido de Igreja. Viveu na Igreja, fiel à doutrina e aos ensinamentos da Igreja.

Por diversos estudos sobre a santidade de Dom Bosco sabemos que foi homem de profunda vida de oração, de intenso trabalho pastoral, de desinteressado serviço aos outros.[77]

Os raios de sua luz

Dom Bosco foi um homem de Igreja!

Sua santidade foi reconhecida pela Igreja! Fundamentalmente, a santidade é um dom para uma pessoa que crê em Deus, vive e pratica a fé, a esperança e a caridade.

A Constituição Dogmática "*Lumen Gentium*" do Concílio Vaticano II nos oferece a teologia da Igreja quanto à santidade: a vocação universal à santidade é fundamental para a vida e a missão de toda a Igreja.

O ponto central da santidade consiste na perfeição da caridade, isto é, na expressão mais profunda e mais verdadeira do mistério de amor e de fé, vivido no coração de uma pessoa. É a livre resposta de fé de uma pessoa que ama a Deus com todo seu ser e procura viver esse dom a serviço dos outros.

A santidade de Dom Bosco foi profundamente vivida na graça de Deus, na resposta ao dom do Espírito Santo em sua vida, na experiência do mistério da Cruz e da Ressurreição de Cristo, em sua imensa caridade para com os mais pobres, no seu grande amor a

---

[77] Cf. EUGENIO CERIA, *Don Bosco con Dio,* SEI, Torino 1929.

Maria e à Igreja. «A santidade é caracterizada como perfeição da caridade».[78]

O jovem padre, nascido nos Becchi, vive originalmente a santidade com seus jovens e, em Valdocco, infunde um espírito de vida e de ação enraizado no Evangelho, que se torna em seguida espiritualidade e pedagogia salesiana.

Esse dom original da santidade de Dom Bosco é um dom para a Igreja e para o mundo.[79]

A santidade: Dom Bosco viveu-a ao longo de toda sua vida; foi construída ao longo do caminho de fé que ele percorreru, conforme sua maneira de responder aos sinais de Deus, de acordo com seu carisma, de sua cultura. Podemos dizer, conforme sua identidade de camponês, de homem simples, de artista, de comunicador e de fundador.

Dom Bosco viveu um dom divino, encarnado em sua vida e em sua realidade pessoal.

Dom Bosco recebeu de Deus, mediante o Espírito Santo, o dom do "carisma salesiano". Por esse motivo, para compreender a santidade de Dom Bosco no contexto do imenso e rico mosaico dos Santos, é importante sublinhar o dom recebido como Santo fundador.

A santidade de Dom Bosco, reconhecida pel Igreja, é um dom maravilhoso, um atestado oficial de suas virtudes, do carisma salesiano e de toda a Família Salesiana. Essa santidade foi testemunhada por pessoas que conheceram Dom Bosco.

---

[78] CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, *Lumen Gentium,* Constituição Dogmtica sobre a Igreja, 1964, n. 39.

[79] Sobre esta originalidade de santidade de uma pessoa é interessante a reflexão de Andrea Bozzolo: «Depois de lembrar a dimensão objetiva da santidade, convém recordar que ela possui uma infinidade de cores e de extraordinários matizes, habita os tempos, os lugares e as experiências mais diversas, apresenta-se cada vez com a audácia criativa do amor, fora de toda uniformidade achatada e repetitiva. Se, de fato, o poder do mal opera uma espécie de massificação por baixo, envolvendo tudo numa única nuvem escura, o poder do Espírito faz resplandecer com infinitas variantes cromáticas e representativas os raios da sua luz». ANDREA BOZZOLO, *La Santità di Don Bosco, op. cit.,* pag. 13.

Até o último respiro

Dom Bosco é o Santo da caridade pastoral. A leitura de sua vida apostólica revela claramente que ele se doou completamente a seus jovens.

Em Valdocco, Dom Bosco viveu uma experiência de santidade com o seu coração de Bom Pastor. Dom Bosco acolhe, ama, prepara a mesa, a comida, sabe ouvir suas ovelhas, cuida dos jovens abandonados, aponta o bom caminho, vive intensamente a alegria.

A santidade de Dom Bosco está diretamente ligada ao cuidado dos outros, vivendo esse caminho na completa entrega a Deus.

Num ambiente em que os jovens experimentavam a vida cristã na simplicidade, eles tinham a possibilidade de viver a devoção à Eucaristia, praticar o sacramento da Reconciliação, crescer na devoção a Nossa Senhora e a São Francisco de Sales.

A Igreja ensina que a santidade é sobretudo resposta ao dom do amor de Deus. Não é uma conquista pessoal. Não é um empenho moral categórico. Pelo contrário, é uma resposta ao dom do amor de Deus, de sua Graça, vivida na fé, na esperança e na caridade.

Dom Bosco amava profundamente Jesus Cristo. Seguiu-o e deu a vida por ele. Carregou em sua vida o mistério da Cruz de Cristo. Foi o servo bom que, até o fim, tudo ofereceu por amor a Ele através do seu amor e sua doação aos jovens.

Dom Bosco viveu e participou, em sua fé, do mistério da Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo, de sua Redenção. Sua santidade é a expressão de sua vida vivida no mistério do amor de Cristo Redentor.

A expressão de Dom Bosco em relação ao seu amor aos jovens nos mostra a profundidade e a verdade de sua entrega a Deus na pessoa dos jovens.

Essa santidade fascina os seus Salesianos e os seus jovens. É uma santidade do quotidiano. Ela amadurece no seu modo de se relacionar, de educar, de tomar decisões difíceis, de abandonar-se à Divina Providência, buscando a glória de Deus.

Dom Bosco viveu a santidade em casa com os seus jovens, nas atividades diárias do Oratório, nas suas viagens, nos seus escritos, em seu imenso trabalho de fundação da Congregação Salesiana.

Dom Bosco viveu uma santidade simples, prática, profunda e alegre. Por isso, deixou marcas indeléveis em todos: desde o P. Rua, seu sucessor, até os jovens do Oratório.

A santidade como vivência da caridade é a expressão madura e o elemento visível e concreto de uma vida de fé e de esperança.

A caridade é o fruto da santidade para a riqueza da vida da Igreja.

OITAVA PARTE

«Nós o conhecemos...»

Grande número de Salesianos, jovens e leigos conheceram Dom Bosco de perto: puderam conferir seu modo de ser, de viver, de rezar, de amar, de educar, de despender a vida a serviço dos seus jovens.

Sem dúvida, todos tinham alguma coisa para contar a respeito da santidade de Dom Bosco. Refiro aqui alguns testemunhos do processo de Canonização de Dom Bosco, tais como são narrados pelo P. Teresio Bosco.[80]

O bispo D. João Batista Bertagna observa que a vida em Deus era o centro da vida do Santo:

> «Dom Bosco, em qualquer circunstância, parecia não saber falar senão de coisas espirituais e da glória de Deus».[81]

O senhor João Villa, confeiteiro, que certamente experimentou o amor paternal de Dom Bosco, recorda que...

> «...o método de educação de Dom Bosco era intensamente paterno. Em síntese, era um pai amoroso em meio a seus filhos».[82]

Logo em seguida, com simplicidade, ele cita um seu companheiro que conheceu Dom Bosco:

> «Todos sabiam que ele caminhava na presença de Deus. Um colega meu me disse um dia que, ao observar Dom Bosco em seu comportamento exterior, não se podia negar que ele estivesse, por assim dizer, sempre na presença de Deus».[83]

João Bisio, que entrou para o Oratório com 26 anos e que se tornou depois comerciante, esteve com Dom Bosco por sete anos. Declarou que devia tudo ao Santo, e falando do paraíso, dizia:

---

[80] Cf. TERESIO BOSCO, *Don Bosco visto da vicino,* Elledici, Leumann-Torino 1996.
[81] *Ibi*, p. 52.
[82] *Ibi*, p. 59.
[83] *Ibi*, p. 60.

> «Ouvi-o muitas vezes dizer: "Que alegria quando estivermos todos no paraíso". Ele me dirigiu espiritualmente por onze anos e, se atualmente sou o que sou, quanto à alma e à posição social, devo tudo a Dom Bosco».[84]

Um camponês, Jorge Moglia, encontrando-se com Dom Bosco pela última vez, testemunhou com muita simplicidade como o Santo confiava tudo a Deus:

> «Dom Bosco morreu poucos anos atrás no Oratório de Valdocco. Eu o vi alguns meses antes. Encontrei-o sentado numa poltrona, sem forças, sofrendo, mas jovial. Perguntando-lhe como estava, ele me disse: "Estamos nas mãos de Deus"».[85]

D. João Cagliero, bispo e vigário apostólico na Patagônia, em seu testamento testemunha a confiança de Dom Bosco na Divina Providência:

> «Nos 35 anos em que vivi a seu lado, não recordo tê-lo visto um momento sequer desanimado, aborrecido ou inquieto por causa das dívidas de que muitas vezes estava sobrecarregado. Com frequência dizia: "A DivinaProvidência é grande, e assim como pensa nos passarinhos do ar, pensará também nos meus jovens"».[86]

Miguel Rua, sacerdote salesiano, sucessor de Dom Bosco, testemunhou a maneira de Dom Bosco contemplar a Deus.

> «Tarde da noite, acompanhando-o ao repouso, parava a contemplar o céu estrelado e, esquecido de seu cansaço, nos entretinha a discorrer sobre a imensidade, a onipotência e a sabedoria divinas. Às vezes, viajando pelo interior, nos fazia observar a beleza dos campos, dos prados, a abundância dos frutos, e nos falava da bondade e providência de Deus».[87]

---

[84] *Ibi*, p. 63
[85] *Ibi*, p. 35
[86] *Ibi*, p. 125.
[87] *Ibi*, p. 168.

Uma contribuição decisiva para a causa de Dom Bosco foi a do P. Felipe Rinaldi, o qual, em 29 de setembro de 1926, escrevendo ao Cardeal Prefeito da Congregação dos Ritos, testemunhava, entre outras coisas:

> «E aqui, Eminência, permita-me acrescentar minha íntima convicção de que o Venerável foi realmente um homem de Deus, continuamente unido a Deus na oração».[88]

O P. J. B. Lemoyne, o primeiro grande biógrafo de Dom Bosco, escreve:

> «O poder divino que irrompe silenciosamente e quase ocultamente na vida de Dom Bosco é tal que nem todos percebem. Ele manifestava o extraordinário com tanta simplicidade que parecia ter muito menos esplendor, ser menos estranho à nossa pobre natureza».[89]

Esses testemunhos para a canonização de Dom Bosco, exprimem uma santidade vivida e compartilhada com as pessoas. Dom Bosco era muito simples, transparente e concreto em seu modo de viver a fé a serviço dos outros.

As afirmações das pessoas que conheceram Dom Bosco confirmam como ele percorreu um caminho de santidade através de sua peregrinação pessoal, de seu modo de viver a fé como bom samaritano que procura os jovens perdidos e que os acolhe mediante sua hospitalidade.

Desde o sonho dos 9 anos até o fim de sua vida, Dom Bosco caminhou com os pés no chão, com o coração em Deus e com seus jovens. Caminhava contemplando o semblante de cada pessoa e contemplando o semblante de Deus.

Nas Constituições Salesianas lemos um artigo precioso que sintetiza quem foi Dom Bosco:

---

[88] EUGENIO CERIA, *Don Bosco con Dio, op.cit.*, p. 144.
[89] G. B. LEMOYNE, *Memorie Biografiche, op. cit.*, vol II, p. 157.

> «Profundamente homem, rico das vitudes do seu povo,era aberto às realidades terrenas; profundamente homem de Deus, cheio dos dons do Espírito Santo, vivia "como se visse o invisível"».[90]

Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer...

> «Naquela manhã, Dom Bosco quis descer para a igreja para celebrar no altar de Maria Auxiliadora. Mais de quinze vezes, durante o Sacrifício Divino, parou, dominado por forte comoção e derramando lágrimas... [...] "Eu tinha diante de meus olhos de forma muito viva a cena de quando, em torno dos dez anos, sonhei a respeito da Congregação. Eu via de verdade e ouvia mamãe e meus irmãos discutirem a respeito do sonho... [...] Então Nossa Senhora lhe tinha dito: "A seu tempo tudo compreenderás"».[91]

Temos pouquíssimas informações sobre a última celebração eucarística de Dom Bosco em Roma, na basílica do Sagrado Coração, em 1887. O que de fato aconteceu naquelas interrupções, marcadas por um pranto incontido, não sabemos. Sem dúvida, aquele momento representa um liame fundamental entre o passado e o futuro. Um liame temporal liga o sonho dos 9 anos ao sonho seguinte, por ocasião dos 29 anos. Dom Bosco interrompe a Santa Missa por mais de quinze vezes; não conseguindo prosseguir, tomado pela comoção.

O importante é seu silencio que, em sua invisível gestualidade, fala alto, exprimindo o projeto que Deus confiou a esse Dom Bosco peregrino, que tanto vagou e lutou, que fundou uma Congregçaão, construiu igrejas e casas, elaborou uma pedagogia para os jovens abandonados.

Finalmente, o peregrino de Deus, como Moisés, contempla a glória de Deus no deserto que ele percorreu. Aquele jovem, que buscava hospitalidade para comer e dormir, foi o primeiro hóspede de Valdocco. Nesse lugar germinou a semente da Obra de Dom Bosco, que crescerá no mundo todo.

Aquele momendo da Eucaristia tocou-o profundamente. Era para ele um momeno especial de agradecimento, de glória dada a

---

[90] *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*, art. 21.

[91] EUGENIO CERIA, *Memorie Biografiche, op. cit.*, vol. XVIII, p. 340-341.

Deus, que invade todo seu ser, porque tudo o que ele realizou é fruto de uma vida vivida para o amor: de seu amor despendido em favor do outro.

Recorda, chora e agradece. É um momento em que Dom Bosco é tomado por uma multidão de sentimentos que enchem de significado esse caminho que, em meio a múltiplas e espinhosas dificuldades, o convida à presença de Deus.

Deus assegura para seus filhos esses momentos de testemunho confortador: a santidade é um caminho em subida que deve ser percorrido decididamente nesta terra: nisso tudo, Dom Bosco é um mestre de vida.

«Ela se punha adiante...»

A presença da "senhora" é uma constante e um ponto de referência central no sonho. No segundo sonho, Dom Bosco narra: «Ela se punha adiante...». É interessante observar como "Ela" guia, aponta a direção, encoraja... Dom Bosco confessa que,

> «oprimido pelo cansaço, queria sentar-me à beira de uma estrada próxima... mas a pastorinha me convidou a continuar o caminho...».[92]

O caminho levará a um lugar onde há um amplo pátio com um pórtico em redor, onde ele via uma igreja. As imagens se entrelaçam e formam uma passagem impressionante.

> «Percorrido ainda um breve trecho de caminho, eu me encontrei no meio de amplo pátio, com pórticos em torno dele, em cuja extremidade havia uma igreja».[93]

É interessante observar que, logo após ter narrado a respeito do lugar onde havia uma igreja, Dom Bosco fala de forma surpreendente da transformação de um grande número de animais em cordeiros.

---

[92] *Memórias do Oratório...*, p. 147.
[93] *Ibidem.*

Essa transformação é uma passagem extremamente importante para Dom Bosco, precisamente porque ali está a intervenção de Deus e de Maria na vida dos jovens. Ele integra profundamente na vida e na espiritualidade esta verdade: Deus age por primeiro. Ela, a pastorinha, o quer.

> «Então percebi que quatro quintos daqueles animais se tinham transformado em cordeiros. Seu número depois aumentou enormemente. Mas eles ficavam muito pouco tempo, e logo partiam».[94]

Desde seu sonho dos 9 anos até o sonho feito como jovem padre em Turim, ao longo de todos os anos de apostolado como educador e fundador, Dom Bosco foi sempre um homem inteiramente mariano. A expressão "*Totus Tuus,* ó Maria", é muito adequada para definir quem era Dom Bosco.

Dom Bosco é um homem mariano dia e noite: reza, medita, ama, confia e dedica tudo a Ela, a pastorinha do seu sonho. Ela é Aquela que o guia no caminho sacerdotal, Aquela que é sua Auxiliadora, a terna Mãe que ele considera como a verdadeira Fundadora da Congregação Salesiana.

«Foi Ela quem tudo fez»

A santidade de Dom Bosco é profundamente assinalada por uma genuína e forte devoção mariana. Seu amor por Maria, que começou na infância, amadureceu e cresceu até seu último momento, na hora de sua morte.

No segundo sonho, o Santo tem uma visão da igreja de Maria Auxiliadora, vinte anos antes de sua construção. Como sabemos, Dom Bosco trabalhou com grande empenho e sacrifício para constrtuir essa basílica dedicada a Maria, «Aquela que tudo fez».

Maria é uma guia para Dom Bosco. É Mãe e Mestra. É uma referência afetiva e espiritual, constante e rica de sabedoria. Maria,

---

[94] *Ibidem.*

Aquela que lhe apareceu no sonho aos 9 anos estará sempre com ele, jamais o abandonará, para guiá-lo e ajudá-lo a caminhar.

Nos momentos escuros, nas horas do desconforto, Maria sempre esteve presente como Mãe: Aquela que gera a vida e que permanecerá para sempre como liame ancestral e intimamente profundo, que, entre o finito e o infinito, dá origem ao mistério da sua e da nossa existência.

A devoção mariana de Dom Bosco se revela em sua vida, em seus escritos, em sua pedagogia educativa, em suas mensagens aos colaboradores, praticamente em todo seu ser. A expressão «Foi Ela quem tudo fez», era para Dom Bosco uma profunda convicção de fé.

Na construção da basílica de Maria Auxiliadora, Dom Bosco empenhou todo o seu grande amor pela Virgem Maria, toda sua gratidão que, pouco a pouco, assinala a passagem entre o invisível e a alma, entre o espírito humano e a certeza da misericórdia divina.

Por tudo isso, reconhecemos em Dom Bosco sua autenticidade, o inexaurível exemplo de quem, ao ver o outro, soube exprimir a pureza do amor operante.

O dom do tempo

Certamente com muita comoção e grande gratidão, Dom Bosco escreve a seguinte passagem do seu sonho dos 9 anos:

> «Neste ponto, sempre no sonho, desatei a chorar, e pedi que falassem de maneira que pudesse compreender, porque não sabia o que significava tudo aquilo. A senhora descansou a mão em minha cabeça, dizendo: “A seu tempo tudo compreenderás”».[95]

Memória emocionante do sonho dos 9 anos, que se realizou no tempo de sua vida como peregrino, em busca da realização do plano de Deus para ele.

Profecia potente, nascida no coração e na alma de João Bosco, que seguiu seu caminho como Moisés para encontrar a "Terra Prometida" de Valdocco.

---

[95] *Memórias do Oratório…*, p. 34-35.

Casa fraterna, casa de acolhida, educação e festa em Deus: os jovens cantarão o dom de um pai que caminha com eles.

Esperança alegre que germina da santidade de Dom Bosco e se difunde por tudo o mundo. Santidade luminosa de quem, do início ao fim da vida, preocurou realizar os planos de Deus.

«Tudo está consumado!»

Uma luz irrompe do alto: é a glória do céu a iluminar o infinito; dois olhos são muito pouco para compreender o universo que se desvela:

> «Naquela manhã, Dom Bosco quis descer para a igreja para celebrar no altar de Maria Auxiliadora. Mais de quinze vezes, durante o Sacrifício Divino, parou, dominado por forte comoção e derramando lágrimas...».[96]

Quando o secretário lhe pergunta por que estava tão emocionado durante a celebração da Missa, o Santo fez uma revelação maravilhosa, expressão de seu grande coração mariano:

> «Eu tinha diante de meus olhos de forma muito viva a cena de quando, em torno dos dez anos, sonhei a respeito da Congregação. Eu via de verdade e ouvia mamãe e meus irmãos discutirem a respeito do sonho... [...] Então Nossa Senhora lhe tinha dito: "A seu tempo tudo compreenderás"».[97]

Ninguém conhece o profundo silêncio, as lágrimas e a paz de Dom Bosco na intensa liturgia daquela manhã. Somente então, nas dobras da alma, um mar sereno finalmente cobria o longo tempo passado a fazer, a criar, a pensar. Tudo agora estava ao alcance da mão.

Sim, é preciso um olhar muito límpido e claro para enxergar a luz mortiça de quem sabe que caminha rente ao chão. Agora Dom Bosco estava próximo ao pulsar que vibra nas profundidades do ser.

---

[96] EUGENIO CERIA, *Memorie Biografiche, op. cit.*, vol. XVIII, p. 340-341.
[97] *Ibidem*.

Passo a passo, o significado ia tomando forma e as imagens se tornavam verdadeiras.

O sonho numa noite de outubro de 1844, no qual tinha empenhado toda uma vida para sua realização, agora era tangível como o Corpo de Cristo naquela última Eucaristia.

O Corpo era o pão doado, como todo o amor aos jovens era a felicidade de ter possuído um espaço para poder dar assistência ao outro.

No caminho que nós, hoje, fazemos com Dom Bosco e os jovens, possa ressoar a voz profunda em cada um de nós: "Como se víssimos o invisível".

BIBLIOGRAFIA

ANDREA BOZZOLO, *La Santità di Don Bosco: ermeneutica teologica delle deposizioni nei processi di beatificazione e canonizzazione*, LAS, Roma 2015.

https://a rchive.sdb.org/ENG/Documen- ti/2014/pdf/_1_10_29_4_30_.pdf

ANDREA BOZZOLO (a cura di), *Sapientiam dedit illi. Studi su Don Bosco e sul carisma Salesia no*, LAS, Roma 2015.

ÁNGEL FERNÁNDEZ ARTIME, Rettor Maggiore, Stren- na 2024. «*Il sogno che fa sognare*». *Un cuore che trasforma i "lupi" in "agnelli",* Valdocco – Torino 2023.

CARMINE DI SANTE, *Lo straniero nella Bibbia. Saggio sull'ospitalità*, Editrice Città Aperta, 2002.

CARMINE DI SANTE, «*Teologia Biblica dell'Ospitali tà. Statuto epistemologico e etico*» in MARCO DAL CORSO (a cura di), Teologia dell'Ospitalità, BTC 196, Queriniana, Brescia 2019.

CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, *Lumen Gentium*, Costituzione dogmatica sulla Chiesa, 1964.

Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales.

G.B. LEMOYNE, *Vita di San Giovanni Bosco*. Vol. I - Nuova Edizione a cura di Don Angelo Amadei, SEI, Torino 1983.

G.B. LEMOYNE, *Memorie Biografiche di don Giovanni Bosco*, vol. II. Ed. Extra Commerciale, S. Benigno Canavese 1901.

EUGENIO CERIA, *Don Bosco con Dio*, SEI, Torino 1929.

EUGENIO CERIA, *Memorie Biografiche di San Giovanni Bosco*, vol. XVIII, Editrice SEI, Torino 1937.

JACQUES LOEW, *Preghiera e Vita. Grandi modelli*, Edizione Morcelliana, Brescia 1991.

MARCO BAY, *Giovanni Bosco a Chieri - 1831-1841*, Prefazione di S.E. Mons. Carlo Chenis, SDB, Vescovo della Diocesi di Civitavecchia, LAS, Roma 2010.

MORAND WIRTH, *Don Bosco et la Bible*, LAS, Roma 2016.

PAOLO ALBERA, *Lettere Circolari di D. Paolo Albera ai Salesiani*, SEI, Torino 1922.

PASCUAL CHAVEZ VILLANUEVA, SDB, *Il Carisma Salesiano*, «Rassegna CNOS», Anno 38, n. 3, settembre-dicembre 2022.

PIETRO BRAIDO, *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade*, 2 vol., Editora Dom Bosco, São Paulo 2008.

PLACIDO SGROI, «Per un'etica come ospitalità» in MARCO DAL CORSO (a cura di), *Teologia dell'Ospitalità*, BTC 196, Queriniana, Brescia 2019.

SÃO JOÃO BOSCO, *Ensinamentos de vida espiritual. Uma antologia*. Introdução e notas por Aldo Giraudo, Editora Dom Bosco, São Paulo 2014.

SÃO JOÃO BOSCO, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales. 181501855,* Tradução de Fausto Santa Catarina, Edição revista e ampliada aos cuidados de Antônio da Silva Ferreira, EDEBÊ, Berasília 2018.

TERESIO BOSCO, *Don Bosco. Storie di un prete*, Elledici, Leumann-Torino 1999.

TERESIO BOSCO, *Don Bosco visto da vicino*, Elledici, Leumann-Torino 1996.

SUMÁRIO

Prefácio..... 02
Interpretar um sonho, hoje..... 06

Primeira Parte

Dom Bosco, padre novo, revive o sonho dos nove anos..... 14
Os bandos dos desoredeiros..... 14
Lobos e cordeiros..... 15
O sonho do peregrino..... 15
Uma estrada no deserto..... 16
A Pastorinha imperiosa..... 17
Impossível... Maravilhoso..... 18
Quanto pesa uum sonho?..... 19
A noite clara como o dia..... 19
O segredo do futuro..... 20
Inspirado pelo invisível..... 21
Peregrino solitário da Graça..... 21

Segunda Parte

Vá! O caminho será revelado a seu tempo..... 24
O que o deserto ensina..... 25
Um ninho para os passarinhos..... 26
«Está maluco!»..... 27
Luzes no caminho..... 29
A enfermidade..... 30
A força do alto 30

Terceira Parte

Como um mar agitado..... 33
Um lugar seguro e a missão confiada..... 35

Quarta Parte

«Meu nome é João»..... 39
Com o chapéu na mão 40
Peregrino também como estudante!..... 41
Um adolescente na cidade 42
Um coração sem limites..... 44
Um lugar no coração..... 44

Quinta Parte

A voz inquietante dos jovens..... 47
Medo, jamais!..... 48

Um cuidado de um pai que ama 51
Um povo ferido 51
Uma porta sempre aberta 53
Somos todos hóspedes neste mundo 55
Toda pessoa é sagrada 56
Colaboradores da Criação 57
«Há um lugar também para ti!» 58

Sexta Parte

Uma hospitalidade evangélica e educativa 62
Educar é acolher o outro com alegria e fraternidade 62
«Dom Bosco nos amava de maneira única» 64
O amor é a lareia da casa 65
Como um bom pastor que ama e dá sua vida pelos seus jovens 65
Valdocco, uma casa hospitaleira ..... .66

Sétima Parte

O sol batendo nos olhos 69
Fazer tudo para a glória de Deus! 69
A santidade de Dom Bosco 71
Os raios de sua luz 71
Até o último respiro 73

Oitava Parte

«Nós o conhecemos...» 76
Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer..... 79
«Ela se punha à frente...» 80
«Foi Ela quem tudo fez» 81
O dom do tempo 82
«Tudo está consumado»..... 83
Bibliografia 85

O autor

Gildásio Mendes dos Santos é sacerdote salesiano, nascido em Conceição da Barra, Espírito Santo, Brasil. Estudou filosofia e teologia em São Paulo, e comunicação social em Roma. Obteve mestrado e doutorado em Realidade Virtual e Mídias Digitais pelo Departamento de Telecomunicações da Michigan State University e da Wayne State University, Michigan, USA. É autor de 23 livros em português, inglês e italiano, e de artigos científicos, além de docente e pesquisador na área das mídias digitais, redes e interações humanas. É estudioso e pesquisador em relações humanas e mídias digitais.

Em 2020 foi eleito Conselheiro Mundial para a Comunicação Social dos Salesianos. Atualmente reside em Roma, na sede da Congregação Salesiana.

Ficha Técnica:
Texto original: Come se vedesse l'invisibile
Editora Elledici – Torino – Itália – 2024
Tradução do italiano para o português: Don Hilário Moser – SDB Agosto - 2024